



Cumbuca Norte

Inventário Nacional de Referências Culturais dos
Quilombos de Oriximiná/PA – Levantamento Preliminar

Relatório Técnico Final

Santarém/PA
Junho/2015

CUMBUCA NORTE

Versão final do Relatório Técnico Analítico, apresentado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em junho de 2015, com a finalidade de informar sobre resultados finais do projeto INRC-Quilombos de Oriximiná.

Santarém, PA
Junho/2015

Presidenta da República

Dilma Vana Rousseff

Ministra da Cultura Interina

João Luiz Silva Ferreira

Presidenta do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Jurema de Sousa Machado

Chefe de Gabinete

Rony Oliveira

Procurador - Chefe Federal

Ronaldo Guimarães Gallo

Diretora do Departamento do Patrimônio Imaterial

Mônia Silvestrin

Diretor do Departamento do Patrimônio Material e Fiscalização

Andrey Rosenthal Schlee

Diretor do Departamento de Articulação e Fomento

Luiz Philippe Peres Torelly

Diretor do Departamento de Planejamento e Administração

Marcos José Silva Rêgo

Diretora do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

Cláudia Márcia Ferreira

Diretora do Centro Cultural Paço Imperial

Cláudia Werneck Saldanha

Coordenadora-Geral de Pesquisa Documentação e Referencia (COPEDOC)

Lia Motta

Coordenadora-Geral de Identificação e Registro

Mônia Silvestrin

Coordenadora-Geral de Salvaguarda

Rívia Bandeira

Coordenadora de Identificação

Desirée Ramos Tozi

Coordenadora de Registro

Ellen Krohn

Coordenador de Apoio à Sustentabilidade

Clair da Cunha Moura Junior

Coordenadora de Conhecimentos Tradicionais Associados

Ana Gita de Oliveira

Superintendente do Iphan no Pará

Maria Dorotéa de Lima

Coordenadora Administrativa

Lucimar Florencio de Souza Castro

Coordenador Técnico Substituto

Giovanni Blanco Sarquis

Supervisão Técnica

Ângela Kurowski

Benedito Walderlino Silva Souza

Cyro Holando de Almeida Lins

Júlia Morim de Melo

Larissa Maria de Almeida Guimarães

Lorena Alves Mendes

FICHA TÉCNICA

Coordenador Executivo

Alexandre Nazareth da Rocha (Cumbuca)

Coordenadora Técnica

Luciana Gonçalves de Carvalho

Supervisor de Campo

Ricardo Nei de Araújo

Pesquisadores

Aldo Luciano C. de Lima

Ádria Fabíola Pinheiro de Sousa

Elielma Pires de Jesus

Auxiliares de Pesquisa Locais

Adimael Souza Almeida

Eudes Almeida de Jesus

Iranilson Adão

José Silvano Silva Santos

Nelcilene da Silva Adão

Técnico em Documentação Audiovisual

Alexandre Nazareth da Rocha

Técnico em Cartografia

Itajacy Sena Kishi

LISTA DE FOTOS

Foto 1: Oficina de socialização do INRC, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Abuí, Oriximiná – PA. 24/04/2013.	18
Foto 2: Desenho de mapa na oficina de socialização do INRC, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Último Quilombo, Oriximiná – PA. 18/04/2013.	18
Foto 3: Oficina de socialização do INRC, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Último Quilombo, Oriximiná – PA. 18/04/2013.	19
Foto 4: Foto 4: Oficina de socialização do INRC, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Último Quilombo, Oriximiná – PA. 18/04/2013.	19
Foto 5: Vista de Porto Trombetas, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Porto Trombetas, Oriximiná – PA. 20/04/2013.	20
Foto 6: Preparação do solo para extração de bauxita, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Porto Trombetas, Oriximiná – PA. 27/04/2013.	21
Foto 7: Extração de bauxita, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Porto Trombetas, Oriximiná – PA. 27/04/2013.	21
Foto 8: Extração de bauxita, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Porto Trombetas, Oriximiná – PA. 27/04/2013.	21
Foto 9: Tanque de rejeitos da extração de bauxita, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Porto Trombetas, Oriximiná – PA. 27/04/2013.	21
Foto 10: Dança Morena d'Angola, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Abuí, Oriximiná – PA. 23/04/2013.	28
Foto 11: Ralando castanha, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Tapagem, Oriximiná – PA. 24/04/2013..	30
Foto 12: Maria Idaliete na produção de farinha de mandioca, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Abuí, Oriximiná – PA. 24/04/2013.	32
Foto 13: Macaco na rede, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Juquiri Grande, Oriximiná – PA. 20/04/2013.	36
Foto 14: Fragmento de cerâmica, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Juquirizinho, Oriximiná – PA. 19/04/2013.	38
Foto 15: Artesanato em barro, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Moura, Oriximiná – PA. 20/04/2013.	39
Foto 16: Casa na rua principal de Cachoeira Porteira, INRC-Quilombos de Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Oriximiná-PA, 02/05/2013.	41
Foto 17: Canoas indígenas, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Cachoeira Porteira, Oriximiná – PA. 02/05/2013.	43
Foto 18: História real da Cachoeira Porteira, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Cachoeira Porteira, Oriximiná – PA. 02/05/2013.	44
Foto 19: Arnaldo Pereira de Jesus, artesão, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Cachoeira Porteira, Oriximiná – PA. 02/05/2013.	46
Foto 20: Moradores e equipe reunida para oficina de socialização do INRC, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Cachoeira Porteira, Oriximiná – PA. 02/05/2013.	48

Foto 21: Imagem de São Joaquim, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. São Joaquim, Oriximiná – PA. 11/05/2013.	51
Foto 22: Dança do lundu, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. São Joaquim, Oriximiná – PA. 11/05/2013.	52
Foto 23: Cachoeira do Ventilado, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Pancada, Oriximiná – PA. 11/05/2013.	53
Foto 24: Apolônia Lopes Souza (Tia Pola), parteira do Jarauacá, INRC-Quilombos de Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Oriximiná-PA, 07/05/2013.	60
Foto 25: Imagem do casal Balduino Melo e Francisca, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Serrinha, Oriximiná – PA. 07/05/2013.	61
Foto26: Cachimbo e fumo, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Arancuan do Meio, Oriximiná – PA. 07/05/2013.	62
Foto 27: História da comunidade de Arancuan do Meio-Varre Vento, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Arancuan do Meio, Oriximiná – PA. 06/05/2013.	63
Foto 28: Seminário Final do projeto, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Oriximiná – PA. 22/05/2015.	66

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Áreas em estudo, de acordo com a divisão política e territorial das comunidades quilombolas	17
Quadro 2: Caracterização dos informantes entrevistados	22

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Município de Oriximiná	14
Mapa 2: Território Quilombola Alto Trombetas	25
Mapa 3: Território Quilombola Boa Vista	33
Mapa 4: Território Quilombola do Moura	33
Mapa 5: Território Quilombola Jamarý-Último Quilombo	34
Mapa 6: Território Quilombola Cachoeira Porteira	42
Mapa 7: Território Quilombola Erepecuru	49
Mapa 8: Território Quilombola Ariramba	50
Mapa 9: Território Quilombola Trombetas	56
Mapa 10: Território quilombola Água Fria	57
Mapa 11: Distribuição das referências culturais dos territórios quilombolas de Oriximiná	65

LISTA DE SIGLAS

ACORQA - Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombo do Ariramba

ACORQE - Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombo do Erepecuru

ACORQAT - Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombo da Área Trombetas

ACRQAF - Associação de Comunidades Remanescentes de Quilombo da Comunidade Água Fria

ACRQAT - Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombo do Alto Trombetas

ARQMO - Associação de Moradores da Comunidade Remanescente de Quilombo do Município de Oriximiná

Amocreq - Associação de Moradores da Comunidade Remanescente de Quilombo Cachoeira Porteira

Incra - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

Iphan – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Iterpa - Instituto de Terras do Pará

MRN - Mineração Rio do Norte

INTRODUÇÃO

Este relatório trata da realização do Levantamento Preliminar do Inventário Nacional de Referências Culturais dos Quilombos de Oriximiná/PA (INRC-Quilombos de Oriximiná). O projeto, envolvendo todas as suas etapas, foi executado no período de fevereiro de 2013 a maio de 2015.

O objetivo geral do INRC-Quilombos de Oriximiná foi produzir conhecimento acerca dos nove territórios quilombolas previamente identificados em Oriximiná, mapeando os bens culturais que lhes servem de referências culturais e sinais diacríticos de identidade étnica, contextualizando, por fim, a presença desses grupos negros na região. Os objetivos específicos foram:

- a) Identificar e organizar documentos textuais, bibliográficos, documentação visual e subsídios já publicados sobre as comunidades quilombolas do município de Oriximiná;
- b) Mapear e registrar agentes de cultura, instituições de pesquisa, órgãos oficiais e instâncias governamentais que tratem de temáticas relacionadas ao patrimônio cultural dos quilombos, com a finalidade de estabelecer parcerias;
- c) Pesquisar mapas elaborados e cartas geográficas que tratam sobre a região abrangência deste inventário;
- d) Realizar, com a colaboração das próprias comunidades e de seus representantes, o levantamento de referências culturais das comunidades quilombolas situadas ao longo do Rio Trombetas e seus afluentes, utilizando como metodologia o INRC e técnicas de pesquisa social, tendo como princípios os critérios de pertencimento construídos pelo grupo e sentidos e significados que eles têm atribuído a esses bens culturais, quais sejam: levantamento de bens culturais que tratem dos modos de vida, alianças, celebrações, formas de expressão, edificações, lugares (espaços apropriados por práticas e atividades de natureza variada, aos quais são atribuídos sentido e significado, entre eles: espaços de moradia, lazer, cultivo e de demais atividades econômicas, sobretudo àquelas que se destinam à preservação do meio ambiente, à mobilidade de grupos e à religiosidade, ofícios e modos de fazer);
- e) Produzir, em conjunto com as comunidades, registros textuais e audiovisuais que expressem os aspectos dinâmicos e contextuais da realidade inventariada, bem como espaços apontados como de excepcional valor por elas;

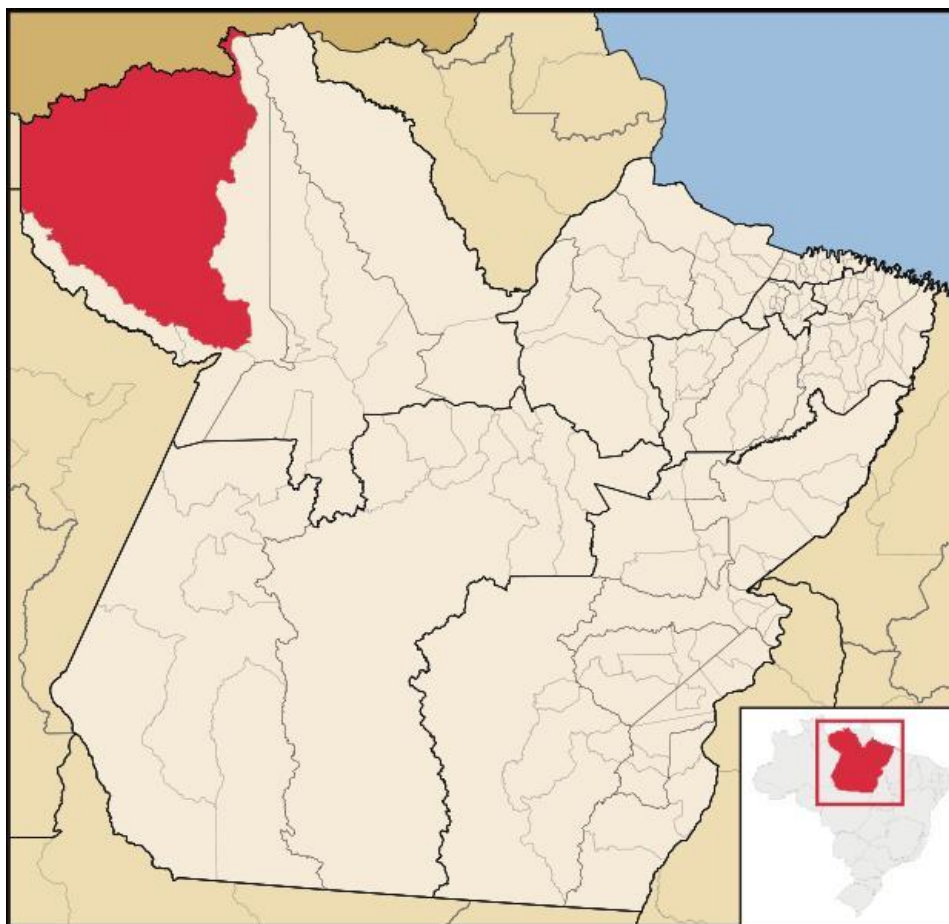
- f) Produzir, em parceria com as comunidades quilombolas e Associações, material informativo que expressem os aspectos dinâmicos da realidade inventariada, bem como espaços apontados como relevantes às comunidades;
- g) Identificar as coordenadas geográficas pela utilização de GPS, tendo como finalidade assinalar a localização socioespacial das comunidades, a distâncias entre elas e a cidade, formas de acesso aos locais, lugares e espaços que lhes são relevantes e os de excepcional valor indicados pelo inventário;
- h) Identificar as terras indígenas locais, outras comunidades e grupos sociais localizados nas proximidades das comunidades;
- i) Descrever as relações estabelecidas com populações indígenas locais, indicando a localização das comunidades de quilombos em relação às terras e populações indígenas locais;
- j) Contribuir na avaliação do INRC, apontando obstáculos e possibilidades de aplicação deste instrumento em áreas que contemplam grupos diferenciados.

Os quilombos de Oriximiná, tomados como sítio do inventário, ocupam aproximadamente 633.000 hectares de terras situadas preferencialmente nas margens de rios, lagos e igarapés da grande bacia formada pelo Trombetas e seus tributários. O acesso a elas é feito, normalmente, por via fluvial, em embarcações de diferentes tipos e tamanhos. O sítio divide-se em nove localidades, correspondentes aos territórios titulados ou em processo de titulação pelo Instituto de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e/ou pelo Instituto de Terras do Pará (Iterpa). São eles:

- a) Território Quilombola Água Fria (comunidade de Água Fria) – titulado pelo Incra em 1996, com dimensão de 557,1355 ha.
- b) Território Quilombola Alto Trombetas (comunidades Abuí, Paraná do Abuí, Tapagem, Sagrado Coração de Jesus e Mãe Cué) – teve uma área de 61.211,9600 ha titulada pelo Iterpa em 2003, mas ainda aguarda, desde 2004, a titulação de 151.923 ha pelo Incra. Há sobreposição da Flona de Saracá-Taquera e da Rebio do Trombetas.
- c) Território Quilombola Ariramba (comunidade Ariramba) – tem processos de titulação abertos no Incra e no Iterpa desde 2005, para uma área de cerca de 23.418 ha, com incidência de sobreposição da Flona do Trombetas.
- d) Território Quilombola Boa Vista (comunidade Boa Vista) – foi o primeiro território titulado pelo Incra no Brasil, em 1995, com dimensão de 1.125,0341 ha.

- e) Território Quilombola Cachoeira Porteira (comunidade Cachoeira Porteira) – aguarda a titulação de 228.552,0000 ha pelo Iterpa desde 2004. O processo enfrenta desafios relativos ao estabelecimento de acordos sobre os limites de áreas reivindicadas por indígenas e quilombolas, além da sobreposição das Flotas de Trombetas e Faro.
- f) Território Quilombola Erepecuru (comunidades Pancada, Araçá, Espírito Santo, São Joaquim, Juary, Boa Vista do Cuminá, Santa Rita, Varre Vento, Jarauacá, Acapu e Poço Fundo) – titulado pelo Incra e pelo Iterpa em 1998, com dimensão de 218.044,2577 ha.
- g) Território Quilombola Jamary/Último Quilombo – tem processo aberto no Incra, desde 2004, para titulação de 218.044,26 ha. Há sobreposição da Flona de Saracá-Taquera e da Rebio do Trombetas. Compreende as comunidades de Juquirizinho, Jamary, Curuçá, Juquiri, Palhal, Último Quilombo e Nova Esperança.
- h) Território Quilombola Moura (comunidade Moura) – tem processo aberto no Incra para titulação de uma área de aproximadamente 18.491 ha, onde há sobreposição com a Flona de Saracá-Taquera.¹
- i) Território Trombetas (comunidades Serrinha, Bacabal, Jarauacá, Terra Preta II, Arancuan do Meio, Arancuan de Cima e Arancuan de Baixo) – titulado pelo Incra em 1997, estende-se numa área de 80.877,0941 ha.

¹ Os quilombolas de Moura e Jamari-Último Quilombo, após as pesquisas de campo, decidiram unificar suas áreas e passaram a tratar-se como um único território (Moura-Jamari-Último Quilombo). No entanto, para os fins deste projeto, julgou-se mais apropriado manter as Fichas de Localidades que abordam os territórios separadamente, porque melhor refletem as informações levantadas e produzidas no INRC.



Mapa 1: Município de Oriximiná. Em vermelho, o município de Oriximiná em destaque no mapa do estado do Pará. No detalhe, também em vermelho, o estado do Pará em destaque no mapa do Brasil.
Fonte: orixi.wordpress.com

A metodologia utilizada no projeto seguiu as disposições do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), que é adotado pelo Iphan para mapeamento, identificação e documentação de bens culturais de natureza imaterial, em âmbito nacional. A distribuição e o desenvolvimento das ações do projeto respeitaram rigorosamente os princípios de organização política das comunidades quilombolas em foco. Deve-se destacar, com relação a esse aspecto, que:

- a) As discussões e decisões estratégicas do projeto foram empreendidas em conjunto com as associações quilombolas e lideranças comunitárias;
- b) As atividades de campo foram realizadas nos territórios e nas comunidades indicadas pelas referidas instâncias, de acordo com as prioridades das organizações representativas das mesmas e das possibilidades técnicas (sobretudo no que tange ao escopo e aos prazos, bem como ao perfil de competências da equipe) e orçamentárias do projeto;

- c) Os resultados do projeto foram validados pelas instâncias supracitadas, e veiculados com seu acordo expresso. Tais resultados foram ser compartilhados com as organizações quilombolas.

A equipe técnica responsável pela realização do projeto foi selecionada com atenção às exigências apresentadas pelo Iphan e de acordo com as experiências prévias dos profissionais, priorizando-se aqueles portadores de experiência em trabalhos relacionados ao patrimônio cultural imaterial e/ou a comunidades quilombolas. A equipe foi composta de um coordenador (doutor em Antropologia), um supervisor de campo (mestre em Antropologia), três pesquisadores (graduados ou graduandos em Antropologia ou áreas afins, sendo uma quilombola da comunidade Moura), um técnico em documentação visual e um técnico em cartografia, um consultor em direitos de comunidades tradicionais (mestre em Direitos Humanos) e cinco auxiliares de pesquisa locais, sendo um colaborador da pesquisa de campo em cada área (Alto Trombetas I, Alto Trombetas II, Trombetas, Erepecuru, Cachoeira Porteira). Esta equipe, com exceção do supervisor, do técnico em cartografia, da pesquisadora quilombola e de um auxiliar de pesquisa local, foi capacitada pelo Iphan para aplicação da metodologia do INRC.

O projeto também contou com autorização do ICM-Bio para entrada nas comunidades situadas dentro dos limites da Floresta Nacional de Saracá-Taquera e da Reserva Biológica do Trombetas, e fez notificação à SEMA, referente a entrada nas áreas da Floresta Estadual do Trombetas que incidem nas comunidades da Cachoeira Porteira e do Ariramba.

O trabalho iniciou pelo levantamento e pela análise de textos, manuscritos, periódicos, gravações sonoras, registros audiovisuais, fotografias, mapas, croquis, ilustrações, relatórios técnicos e uma variedade de documentos em diferentes suportes. Seguiu-se a etapa de pesquisas de campo, considerando-se a prerrogativa de as associações e lideranças quilombolas selecionarem, mediante critérios próprios, os bens culturais que têm valor de referência para os territórios e as comunidades de sua abrangência, respeitando-se os limites físicos de execução do projeto (cronograma, custos, composição da equipe, etc).

Conforme acordado com os quilombolas, os trabalhos de campo foram planejados e executados obedecendo às formas de divisão política das comunidades focadas no projeto. Em primeira instância foram focadas as cinco áreas em que elas se

organizam. Em segunda instância, optou-se por focar mais detidamente cada território, com o objetivo de melhor explorar os contextos etnográficos pesquisados.

Quadro 1: Áreas em estudo, de acordo com a divisão política e territorial das comunidades quilombolas.

Área	Territórios Abrangidos	Comunidades	Entidade/Filiação
Alto Trombetas I	Alto Trombetas	Abuí, Paraná do Abuí, Tapagem, Sagrado Coração e Mãe Cué	Associação Mãe Domingas, filiada à ARQMO
Alto Trombetas II	Boa Vista	Boa Vista	Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombo do Alto Trombetas (ACRQAT), filiada à ARQMO
	Moura	Moura	
	Jamari-Último Quilombo	Juquirizinho, Jamari, Curuçá, Juquiri, Palhal, Último Quilombo e Nova Esperança (Erepecu)	
Erepecuru	Erepecuru	Pancada, Araçá, Espírito Santo, São Joaquim, Jauari, Boa Vista do Cuminá, Santa Rita, Varre Vento, Jarauacá e Poço Fundo	Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombo do Erepecuru (ACORQE), filiada à ARQMO
	Ariramba	Ariramba	
Trombetas	Trombetas	Bacabal, Arancuan de Cima, Arancuan de Baixo, Arancuan do Meio, Serrinha, Terra Preta II e Jarauacá	Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombo da Área Trombetas (ACORQAT), filiada à ARQMO
	Água Fria	Água Fria	Associação de Comunidades Remanescentes de Quilombo da Comunidade Água Fria (ACRQAF), filiada à ARQMO
Cachoeira Porteira	Cachoeira Porteira	Cachoeira Porteira	Associação de Moradores da Comunidade Remanescente de Quilombo Cachoeira Porteira (Amocreq), não filiada à ARQMO.

Já em campo, mas antes de iniciar a pesquisa efetivamente, foram realizadas oficinas voltadas para o esclarecimento de representantes de todas as comunidades envolvidas. Cada oficina, por si mesma, constitui um procedimento de pesquisa participativa. Após cada período de campo foram realizados procedimentos de tratamento (nomeação, classificação, organização) dos registros produzidos nas localidades, como fotografias, gravações sonoras, registros audiovisuais, conforme as regras do INRC.

Foram bem sucedidas as oficinas realizadas nas áreas Alto Trombetas II, Alto Trombetas I e Erepecuru, embora tenham sido necessários ajustes de planejamento, devido a imprevistos e ao acidente sofrido pela equipe de pesquisa e pelos quilombolas que a conduziam e acompanhavam no barco ARQMO, que afundou na comunidade do Moura. Nas áreas Cachoeira Porteira e Trombetas, onde não houve oficinas bem sucedidas, as listas de referências culturais e de principais informantes foram feitas pela equipe a partir de documentos, dos mapas preliminares elaborados pelos auxiliares de pesquisa e dos trabalhos de campo.



Foto 1: Oficina de socialização do INRC, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Abuí, Oriximiná – PA. 24/04/2013.



Foto 2: Desenho de mapa na oficina de socialização do INRC, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Último Quilombo, Oriximiná – PA. 18/04/2013.

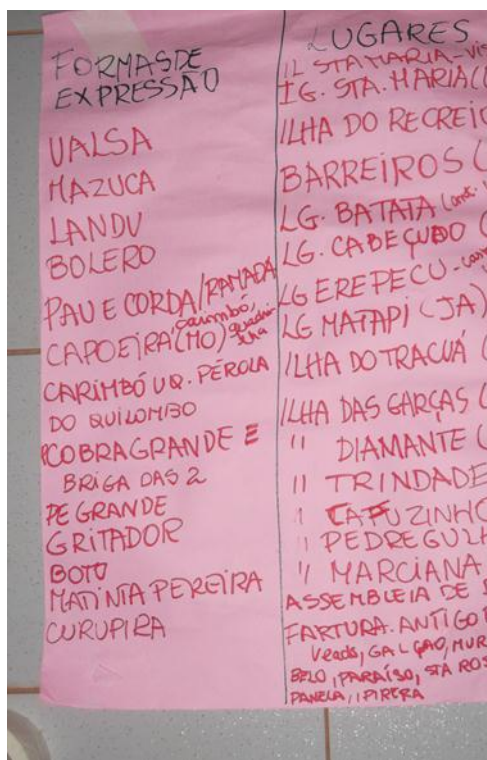


Foto 3: Oficina de socialização do INRC, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Último Quilombo, Oriximiná – PA. 18/04/2013.

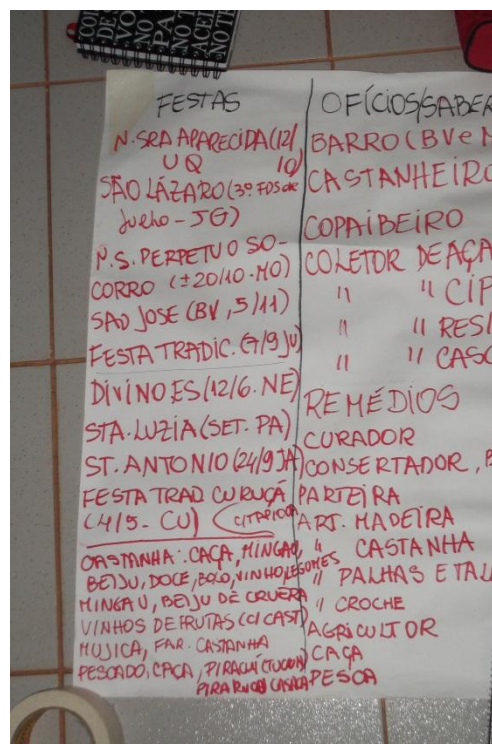


Foto 4: Oficina de socialização do INRC, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Último Quilombo, Oriximiná – PA. 18/04/2013.

Não houve oficina na Área Trombetas, onde o coordenador da área fez as vezes de auxiliar de pesquisa local e assumiu para si as responsabilidades pela entrada de pesquisadores nas comunidades sem um esclarecimento prévio acerca do projeto, o que seria feito na oficina. Coube a ele, individualmente, esclarecer os moradores sobre o projeto e acompanhar a equipe em praticamente todas as entrevistas, de modo que não houve repercussões negativas no que tange à recepção dos pesquisadores e ao acolhimento das questões de pesquisa.

No caso área da Cachoeira Porteira, no primeiro horário agendado para a realização da oficina houve um temporal e poucas pessoas conseguiram chegar ao local. No segundo horário agendado, novamente compareceram poucas pessoas, pois havia um jogo de futebol na comunidade e a maioria dos moradores estava envolvida na partida. Os moradores que compareceram para a oficina já haviam sido visitados em casa e entrevistados, de modo que a atividade de esclarecimento tornar-se-ia repetitiva. Encaminhou-se apenas uma conversa mais geral com os poucos presentes, socializando para eles o que já vínhamos encontrando como referências culturais da comunidade.

Os trabalhos de campo desenrolaram-se ao longo de 28 dias corridos, de 17 de abril a 13 de maio de 2013, nas áreas Alto Trombetas II, Alto Trombetas I, Cachoeira

Porteira, Trombetas e Erepecuru, em ordem cronológica, sendo que houve uma rápida incursão a comunidades da Área Alto Trombetas II após o retorno de Cachoeira Porteira. Ao todo, foram visitadas 26 das 34 comunidades quilombolas do município de Oriximiná.

A cidade enclave de Porto Trombetas também foi visitada durante o trabalho de campo, já que é a sede da empresa Mineração Rio do Norte (MRN), que desenvolve atividades minerárias em áreas ocupadas pelos quilombolas. A equipe integrou-se à excursão que é promovida mensalmente (para os familiares de funcionários) e percorre as instalações da empresa, com passagens e algumas paradas em áreas de mina, tanques de rejeito, áreas de reflorestamento, porto, horto e Casa da Memória.



Foto 5: Vista de Porto Trombetas, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Porto Trombetas, Oriximiná – PA. 20/04/2013.



Foto 6: Preparação do solo para extração de bauxita, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Porto Trombetas, Oriximiná – PA. 27/04/2013.



Foto 7: Extração de bauxita, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Porto Trombetas, Oriximiná – PA. 27/04/2013.



Foto 8: Extração de bauxita, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Porto Trombetas, Oriximiná – PA. 27/04/2013.



Foto 9: Tanque de rejeitos da extração de bauxita, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Porto Trombetas, Oriximiná – PA. 27/04/2013.

Durante os trabalhos de campo foram produzidos registros fotográficos e sonoros, principalmente das entrevistas realizadas, sendo que todos eles são discriminados no Anexo 2 do INRC.

O conjunto de entrevistados se compõe de moradores antigos, artesãos, festeiros, castanheiros, lideranças comunitárias, contadores de histórias, benzedeiras, erveiras, pessoas indicadas por seus pares em função de algum conhecimento ou alguma prática cultural que os mesmos julgam especialmente válida ou valorizada na área quilombola.

Quadro 2: Caracterização dos informantes entrevistados.

Nº	Entrevistado	Comunidade	Ocupação	Data
1.	Adelson Gomes	Arancuan do Meio	Agricultor	06/05/13
2.	Adimael Souza	São Joaquim	Agricultor	11/05/13
3.	Aloísio Silvério	Tapagem	Agricultor	25/04/13
4.	Antônia Santos	Jamari	Aposentada	19/04/13
5.	Antônio Edmar	Cachoeira Porteira	Aposentado	02/05/13
6.	Altino Regis	Serrinha	Agricultor e extrativista	06/05/13
7.	Antônio Dorão	Nova Esperança	Agricultor	04/05/13
8.	Benedita Oliveira	Boa Vista Cuminá	Agricultora	08/05/13
9.	Cleuciana Sousa	Abuí	Professora	24/04/13
10.	Flori Adalberto	Cachoeira Porteira	Agricultor, artesão e comerciante	02/05/13
11.	Ana Maria Vieira	Arancuan do Meio	Agricultora	06/05/13
12.	Bernardina Lima	São Joaquim	Aposentada	11/05/13
13.	Cleucineide Sousa	Abuí	Professora e diretora da escola local	25/04/13
14.	Cosmo Salgado	Curuçá	Agricultor e extrativista	19/04/13
15.	Ivanildo Carmo	Cachoeira Porteira	Comerciante	02/05/13
16.	Ana Neri dos Santos	Arancuan do Meio	Agricultora e copeira da escola	06/05/13
17.	Daniel Souza	Jauari	Agricultor	08/05/13
18.	Dometilo Xavier	Tapagem	Aposentado	25/04/13
19.	Eder Mendes	Moura	Coordenador da Cooperativa do Moura	26/04/13
20.	Ivone Pereira	Cachoeira Porteira	Agricultora e extrativista	02/05/13
21.	Apolonia Lopes	Jarauacá	Parteira	07/05/13
22.	Darlissom Menezes	Jauari	Agricultor	08/05/13
23.	Edith Printes	Abuí	Parteira (esporadicamente)	23/04/13
24.	Eudes de Jesus	Último Quilombo	Professor	19/04/13
25.	Manoel Vieira	Cachoeira Porteira	Agricultor e extrativista	02/05/13
26.	Carlos de Jesus	Jarauacá	Agricultor	07/05/13
27.	Dilma Salgado	Boa Vista Cuminá	Agricultora	08/05/13
28.	Francisco Xavier	Tapagem	Extrativista	24/04/13
29.	José Lopes	Moura	Artesão	20/04/13
30.	Maria das Graças	Cachoeira Porteira	Artesã	01/05/13
31.	Edilena Silva	São Joaquim	Professora	11/05/13
32.	Evaldo Soares	Arancuan do Meio	Agricultor e extrativista	06/05/13
33.	Iranilson Adão	Abuí	Estudante	25/04/13
34.	José Pereira	Jamari	Agricultor	19/04/13

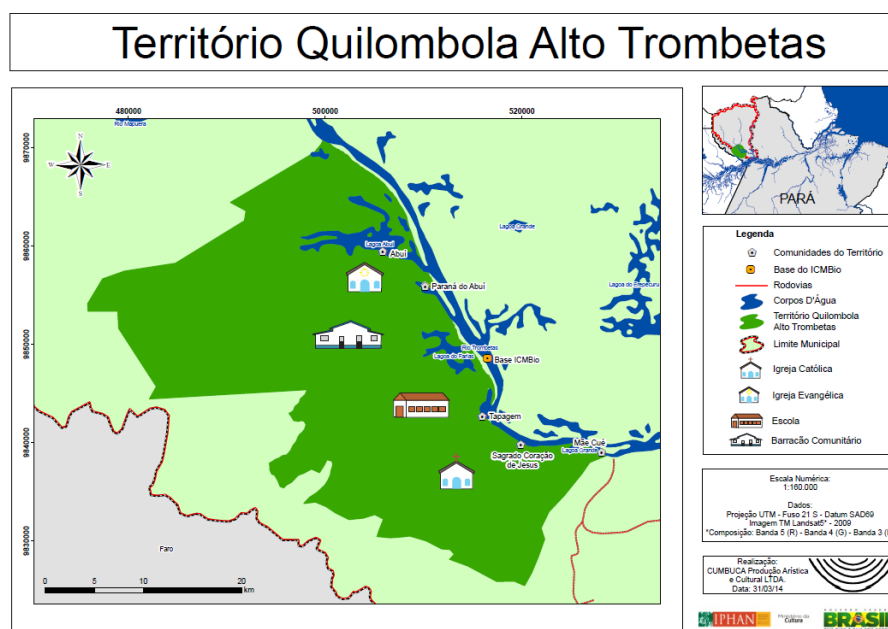
35.	Miguel Vieira	Cachoeira Porteira	Agricultor	02/05/13
36.	Edna Melo	Pancada	Agricultora	10/05/13
37.	Francisco Newton	Serrinha	Extrativista	06/05/13
38.	José Rocha	Juquirizinho	Agricultor e extrativista	19/04/13
39.	Manoel Francisco Xavier	Abuí	Agricultor e extrativista	23/04/13
40.	Nelcilene Adão	Cachoeira Porteira	Estudante	02/05/13
41.	Esmerino	Jauari	Agricultor	08/05/13
42.	Lúcia Clemente	Juquiri Grande	Agricultora	20/04/13
43.	Nilcelena Cunha	Cachoeira Porteira	Professora	02/05/13
44.	Ornelio da Natividade (Nilo)	Sagrado	Agricultor	25/04/13
45.	Rosiane Lopes de Figueiredo	Jarauacá	Monitora da escola local	07/05/13
46.	José Manoel Melo	Serrinha	Agricultor	06/05/13
47.	Julia Guedes	Espírito Santo	Agricultora	10/05/13
48.	Manoel Fernandes	Último Quilombo	Agricultor e extrativista	04/05/13
49.	Maria Adão (Noca)	Abuí	Agricultora	24/04/13
50.	Raimundo Vieira	Cachoeira Porteira	Agricultor	01/05/13
51.	José Silvano Santos	Bacabal	Estudante	07/05/13
52.	Legilda Santos	Varre Vento	Agricultora	08/05/13
53.	Maria da Silva Salgado	Juquirizinho	Sem ocupação	19/04/13
54.	Raimunda Silvério	Sagrado	Agricultora	25/04/13
55.	Sebastiana Ribeiro	Cachoeira Porteira	Professora e diretora da escola local	02/05/13
56.	José Vieira	Serrinha	Aposentado	06/05/13
57.	Lourival Almeida	São Joaquim	Agricultor	11/05/13
58.	Maria de Nazaré	Último Quilombo	Agricultora	04/05/13
59.	Raimundo Printes	Abuí	Agricultor	23/04/13
60.	Vicente Santos	Cachoeira Porteira	Agricultor	03/05/13
61.	Josivaldo Salgado de Souza	Jarauacá	Agricultor	07/05/13
62.	Manoel Profeta	Pancada	Agricultor	10/05/13
63.	Maria Florecy	Palhal	Agricultora	20/04/13
64.	Raquel Pires	Sagrado	Agricultora	25/04/13
65.	Waldemar Santos	Cachoeira Porteira	Comerciante	03/05/13
66.	Lucila Vieira	Serrinha	Agricultora	07/05/13
67.	Manuel Oliveira	Varre Vento	Agricultor	08/05/13
68.	Maria Lucila Farias	Curuçá	Agricultora	19/04/13
69.	William de Jesus	Cachoeira Porteira	Agricultor	02/05/13
70.	Margarida Souza	São Joaquim	Agricultora	11/05/13
71.	Maria de Nazaré Vieira da Silva	Arancuan de Baixo	Autônoma	06/05/13
72.	Maria Rosa dos Santos	Nova Esperança	Servente	04/05/13

73.	Maria	Jauari	Aposentada	08/05/13
74.	Maria Janete Silva	Bacabal	Agricultora	05/05/13
75.	Nazeazena Andrade	Curuçá	Agricultora e artesã	19/04/13
76.	Maria da Paz	Pancada	Agricultora	10/05/13
77.	Maria Jocinele Melo	Serrinha	Agricultora	07/05/13
78.	Sebastião Andrade	Juquiri Grande	Extrativista	20/04/13
79.	Maria José Vieira	Arancuan de Baixo	Agricultora	06/05/13
80.	Maria Lizete	Pancada	Agricultora	10/05/13
81.	Maria Raimunda de Jesus	Serrinha	Agricultora	07/05/13
82.	Natanael Guedes	Araçá	Artesão	11/05/13
83.	Neuton Oliveira	Jarauacá	Pensionista	07/05/13
84.	Patrício da Silva	Espírito Santo	Agricultor e extrativista	10/05/13
85.	Osvaldo Lopes	Jarauacá	Agricultor	07/05/13
86.	Silas Viana	Araçá	Agricultor e pastor	11/05/13
87.	Raimunda Vieira	Arancuan de Baixo	Agricultora	06/05/13
88.	Rosivaldo Batista dos Santos	Jarauacá	Agricultor	07/05/13
89.	Suane da Silva	Jarauacá	Servidora da escola local	07/05/13

A seguir apresenta-se um resumo das informações levantadas nas cinco áreas quilombolas focadas no Levantamento Preliminar do INRC-Quilombos de Oriximiná.

ÁREA ALTO TROMBETAS I

A Área Alto Trombetas I corresponde ao território quilombola do Alto Trombetas, que está em processo de titulação pelo Incra. Esse território abrange as comunidades Abuí, Paraná do Abuí, Tapagem, Sagrado Coração e Mãe Cué. Sua representação política é feita pela Associação Mãe Domingas, que é filiada à ARQMO.



Mapa 2: Território Quilombola Alto Trombetas, INRC Quilombos de Oriximiná. João Thiago-Cumbuca, Oriximiná-PA, 2014.

A comunidade da Tapagem é uma das mais antigas do território, segundo memórias locais. Moradores contam que ela se originou no século XIX com a chegada de cinco irmãs da família Xavier, que se havia amocambado no Trombetas. Uma das irmãs, chamada Domingas, e seu esposo Atanásio vinham descendo o Rio Trombetas na companhia de um senhor chamado Basílio e outro conhecido como Felipão, quando foram surpreendidos pela presença de brancos na boca do Igarapé Jacaré. Os mocambeiros foram obrigados a recuar e acabaram por estabelecer um pequeno povoado na atual área da Tapagem. A comunidade, porém, só se formalizou em meados da década de 1970, graças ao incentivo dado por um padre verbita chamado Patrício.

As demais comunidades do território tiveram histórias semelhantes, devendo sua formalização ao apoio intensivo concedido pela Igreja Católica no município, principalmente na pessoa do Padre Patrício e de outros que com ele colaboravam. A mobilização das mesmas cresceu após a promulgação da Constituição Federal de 1988 e do direito conferido às comunidades remanescentes dos quilombos de terem garantida pelo Estado a propriedade das terras que tradicionalmente ocupavam.

Trata-se de uma área em vias de ser afetada mais fortemente pela mineração nos próximos anos, com a expansão da atividade da MRN em platôs situados em terras da comunidade de Mãe Cué. A área também é afetada pelas Unidades de Conservação Flona de Saracá-Taquera e a Rebio do Trombetas.

Além de restringir o acesso a recursos naturais, o regulamento dessas UCs constrange os moradores ao controle de trânsito no rio Trombetas (por intermédio da base de fiscalização implantada no Alto Trombetas). Não por acaso, a implantação do IBDF na região, décadas atrás, é um tema recorrente até hoje entre os moradores. A memória da época é nefasta, marcada por conflitos, mortes de adultos e crianças, e uma série de abusos de poder contra os negros.

No entanto, seus maiores problemas atuais estão relacionados à ausência ou insuficiência da ação estatal (falta de escolas de nível médio, insuficiência de postos e agentes de saúde, precariedade dos meios de comunicação) e à dificuldade de geração de renda para os moradores.

No que tange às referências culturais da localidade, destacam-se:

Celebrações

No território Alto Trombetas registram-se festas religiosas, juninas e natalinas e comemorações de datas como o Dia da Consciência Negra e o Dia das Mães – como, de praxe, ocorre nas diversas comunidades quilombolas de Oriximiná.

Com relação às festas de santo, as celebrações variam conforme a comunidade: festas de São Benedito e de Santa Ana no Abuí, festa de São João no Paraná do Abuí, festa de São Sebastião na Tapagem, festa de São José e do Sagrado Coração de Jesus na comunidade homônima, festa de São Lázaro no Mãe Cué. A festa da Santíssima Trindade abrange todas as comunidades, caracterizando-se como uma festa itinerante que envolve todo o território.

Na maioria das vezes a festa do padroeiro começa com uma procissão em terra ou com um círio fluvial durante os quais se rezam ladainhas e se tocam folias. Seu Duí, morador da comunidade Tapagem, é um dos rezadores de ladainhas mais conhecidos na região.

Os festejos prosseguem com celebrações na igreja/capela do santo e com a distribuição ou venda de comidas e bebidas. Alguns entrevistados assinalaram que antigamente todas as refeições e bebidas eram distribuídas gratuitamente aos festeiros, pois os ingredientes com que eram preparadas eram doados pelos moradores e recolhidos durante ritos de esmolação – procissões de casa em casa, nas quais os

devotos ofereciam em intenção ao santo animais criados em casa e produtos da roça. Hoje em dia, porém, com as restrições imputadas às práticas produtivas tradicionais e a transformação dos modos de vida locais, cada vez menos se pode contar com a doação de alimentos para a festa, de modo que muitas refeições (à base de carne de gado e frango) e bebidas passaram a ser vendidas.

Após o serviço dos ritos religiosos e das refeições algumas comunidades realizam a chamada “festa cultural”, na qual são lembradas músicas e danças que praticamente não se usam mais, como a valsa, a mazurca, o lundum e a desfeiteira, ao lado de apresentações musicais e coreográficas da cultura quilombola contemporânea como, por exemplo, a danças Morena d’Angola (organizada pela comunidade do Abuí) e a dança Marajoara (organizada pela comunidade da Tapagem). Em função desse tipo de programação baseada em tradições mais antigas, as “festas culturais” distinguem-se das chamadas “festas sociais” – também realizadas no bojo dos festejos dos santos, normalmente para encerrar as comemorações – nas quais bandas da cidade tocam ritmos atuais (forró, brega, sertanejo, música popular, pagode) e som mecânico. Para muitos comunitários, sobretudo os de mais idade, a “festa cultural” tem um significado todo especial na medida em constituem oportunidade privilegiada para a transmissão das tradições locais.

As chamadas “festas culturais” de hoje remetem às antigas “festas de pau e corda” ou “festas de ramada”. Nelas havia sempre um barracão feito com madeira e palhas, decorado com ramos e folhas, iluminado por lamparinas. Dentro dele se executavam as liturgias, as ladainhas e as danças, que eram ocasiões propícias para os casais se conhecerem e entabularem conversações.

As festas que mais se destacam no território são as de São Benedito e de São Sebastião.

Formas de expressão

As principais referências apontadas pelos entrevistados quando questionados a respeito de suas formas de expressão foram as “músicas de pau e corda” as danças que as acompanhavam: lundu ou landu, desfeiteira, mazurca ou mazungue (corruptela de mazurca), valsa, bolero e quadrilha. Tais danças e músicas fazem parte da memória local e, hoje em dia, só são realizadas nas “festas culturais” descritas acima.



Foto 10: Dança Morena d'Angola, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Abuí, Oriximiná – PA. 23/04/2013.

As histórias de encantarias também são muito frequentes no território. Nele encontram-se vários relatos sobre encantos, lugares mágicos que geralmente ficam no fundo das águas, nos igarapés, poços e rios, dentro das florestas, em pontas de pedra, debaixo da terra. Visagens, curupiras, botos, matintas-pereiras são apenas alguns dos encantados mencionados no território.

Os encantados podem castigar as pessoas que não respeitam os lugares de encantos ou que não cumprem determinados preceitos e restrições – como matar filhotes de caça, deixar carne de caça apodrecer na floresta, tomar banho de rio estando menstruada (no caso das mulheres), entre outros. Os castigos imputados pelos encantados são frequentemente referidos como “judiaria” ou “judiação” e se manifestam na forma de doenças físicas e/ou espirituais: loucura, vômitos, desmaios, emagrecimento inexplicado, dores de cabeça, tonturas, etc.

Lugares

Os lugares mais significativos para os moradores do território Alto Trombetas são aqueles onde se realizam suas principais atividades produtivas, os locais onde ocorreram fatos memoráveis da trajetória de ocupação dos mocambos na região e, por fim, mas não menos importantes, os lugares considerados encantados.

Dentre as áreas produtivas mais importantes para o território estão os castanhais, copaibais, rios, lagos e igarapés. O lago do Abuí é um dos lugares responsáveis pela subsistência dos moradores locais. Ele beneficia todas as comunidades do Território Alto Trombetas e é a principal fonte de pescado para a comunidade do Abuí.

O Lago do Jacaré também é fundamental para a sobrevivência dos moradores do território. Além de ser um dos principais lugares de extração de produtos naturais, é farto em pescado e quelônios, entre os quais o tão apreciado tracajá. No entanto, para acesso a ele é preciso obter autorização do ICM-Bio.

O Jacaré, como o chamam os quilombolas, também se destaca do ponto de vista histórico por ter sido um lugar de passagem dos negros que fugiam da escravidão, assim como a Ilha do Cemitério. Já a Ilha de São Benedito (antigamente chamada Ilha do José Adão), entrou para a história local por ter sido escolhida para a fundação do centro da comunidade do Abuí e para a construção da capela do santo padroeiro da comunidade.

Dos lugares de maior importância simbólica na localidade sobressai a Ilha da Barra, que fica na comunidade do Abuí e é conhecida pelos encantos que vivem lá.

Ofícios e modos de fazer

A extração da castanha é um ofício muito antigo dos negros remanescentes dos mocambos do Alto Trombetas e é de fundamental importância, até hoje, para os moradores da localidade. O desenvolvimento desse trabalho respondeu, em grande medida, pela própria presença e sobrevivência das comunidades quilombolas até o presente.

A coleta é sempre realizada no período de inverno, de janeiro e maio, e, por tradição, envolve toda a unidade doméstica na atividade, muito embora essa característica venha se alterando. No passado, normalmente, as famílias se deslocavam inteiras para os castanhais. Levavam pequenos animais de criação, caçavam e pescavam para sobreviver enquanto todos, até as crianças pequenas, se dedicavam à coleta dos ouriços caídos das castanheiras. Hoje em dia as crianças e as mulheres vão cada vez menos para os castanhais, pois, estando as primeiras em idade escolar, não podem perder as aulas, e as mães acabam ficando em casa para cuidar delas. Ainda assim, nas expedições de coleta mais curtas são levadas pelos pais para o castanhal, porque os quilombolas valorizam que se aprenda desde cedo essa profissão.



Foto 11: Ralando castanha, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Tapagem, Oriximiná – PA. 24/04/2013.

Na segunda metade do século XX, até meados da década de 1980, os coletores trabalhavam para supostos donos de terras que aviavam os castanheiros, adiantando-lhes ferramentas de trabalho e mantimentos para permanência na floresta durante a safra. Em troca, os coletores entregavam-lhes toda a produção a preços estipulados pelos próprios patrões. Dos valores a serem pagos os patrões descontavam os preços das mercadorias adiantadas. Como resultado da negociação os castanheiros frequentemente não tinham saldo a receber, ficando obrigados a uma nova temporada de trabalho para quitar as dívidas com os patrões.

A partir da década de 1980, com a maior organização em vista a titulação de suas terras, os quilombolas voltaram a ter livre acesso às áreas de castanhais e passaram a planejar com mais confiança o modo de explorar os recursos naturais de suas terras. Em 1990 a ARQMO e a Comissão Pró Índio de São Paulo (CPI-SP), com o apoio financeiro da Comissão Europeia e da Organização Intereclesiástica para a Cooperação ao Desenvolvimento (ICCO), estruturaram na região o projeto Manejo dos Territórios Quilombolas, que tem como ação prioritária a exploração da castanha visando os princípios da responsabilidade socioambiental. O projeto Manejo oferece aos extrativistas quilombolas uma estrutura de transporte e armazenamento da castanha que garante a qualidade do produto até o seu destino final.

Depois da castanha, o óleo da copaíba é o principal produto de extração dos remanescentes de quilombos de Oriximiná. Essa atividade se realiza principalmente em áreas abrangidas pela Flona e pela Rebio, nos meses de verão, alternando-se com a coleta de castanha.

O óleo extraído é vendido por intermédio da Cooperativa dos Quilombos (CEQMO), mas antes os extratores costumavam vender toda a produção para marreteiros, que pagavam preços irrisórios pelo produto. A abertura da cooperativa, além de dar acesso a novos mercados, também ajudou a estabelecer preços melhores num mercado que compete pelo produto.

A caça é outra atividade tradicional e essencial para a subsistência dos quilombolas, mas no território observam-se restrições crescentes às caçadas, em função da sobreposição do mesmo pela Floresta Nacional de Saracá-Taquera e pela Rebio Trombetas. Ainda assim, é costume dos moradores, principalmente os homens, saírem juntos para caçar em zonas de mata fechada. Eles são ensinados e treinados para caçar desde cedo, acompanhando os pais na floresta.

É importante notar que a caça é uma prática voltada para o autoconsumo e a troca de donativos entre as famílias locais. Por exemplo, quando se mata uma caça grande como uma anta ou um veado, ou até mesmo um animal de pequeno porte como uma cotia, é de praxe fazer-se a divisão do alimento entre familiares e vizinhos. Em boas caçadas os moradores chegam a fazer reuniões para confraternizarem, comendo juntos o produto da atividade.

A pesca também é uma atividade tradicional e essencial para a subsistência dos quilombolas do Alto Trombetas, voltada para a alimentação diária das famílias. Homens, mulheres e crianças dedicam-se a essa atividade quase que diariamente. Pratica-se a pesca durante todo o ano em rios, lagos e igarapés, mas o período mais favorável para a atividade é o verão, quando as águas estão mais baixas e os peixes ficam represados, concentrando-se em grandes quantidades, principalmente nos lagos.

É predominante a agricultura da mandioca, da qual se faz o produto básico da cultura alimentar local, a farinha, mas também se plantam outros tubérculos e variadas frutíferas. A produção de farinha de mandioca (e outros derivados desta raiz) é uma essencial para muitas famílias no território. Na maioria dos casos a produção destina-se apenas ao autoconsumo, mas alguns produtores têm no comércio desse gênero uma importante fonte de renda.



Foto 12: Maria Idaliete na produção de farinha de mandioca, INRC Quilombos Oriximiná.
Nazareth, Alexandre. Abuí, Oriximiná – PA. 24/04/2013.

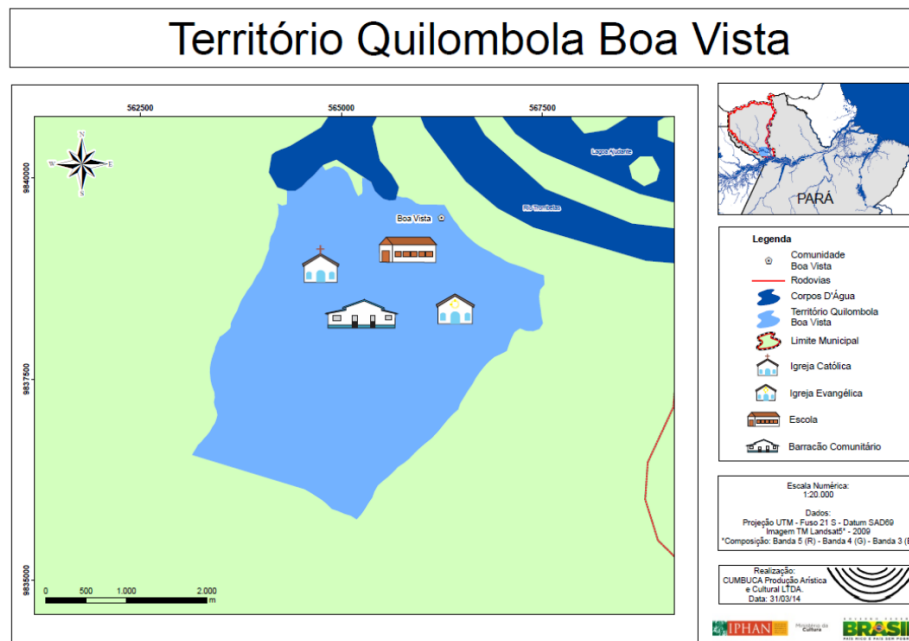
A maioria dos produtos da roça é consumida no espaço doméstico, garantindo a subsistência dos comunitários. O excedente, eventualmente, é comercializado na feira de Porto Trombetas ou de Oriximiná. Cabe ressaltar que, apesar da centralidade desse ofício na economia doméstica, inúmeros moradores vêm enfrentando crescentes dificuldades para fazerem suas roças devido às restrições impostas pelas Unidades de Conservação sobrepostas ao território Alto Trombetas.

Participação local

É notável o protagonismo das escolas e professores na vida cultural das comunidades. Responsáveis, como em todas as áreas quilombolas visitadas, pela organização de festas cívicas e religiosas, além de brincadeiras esportivas e outras formas de expressão lúdicas e artísticas (no campo da dança, música, teatro), aqui as equipes das duas escolas polos do território são particularmente ativas na dinamização da vida cultural local. Esse protagonismo deve ser observado e aproveitado para eventuais desdobramentos do projeto INRC, sobretudo no que tange às demandas já formuladas pela área.

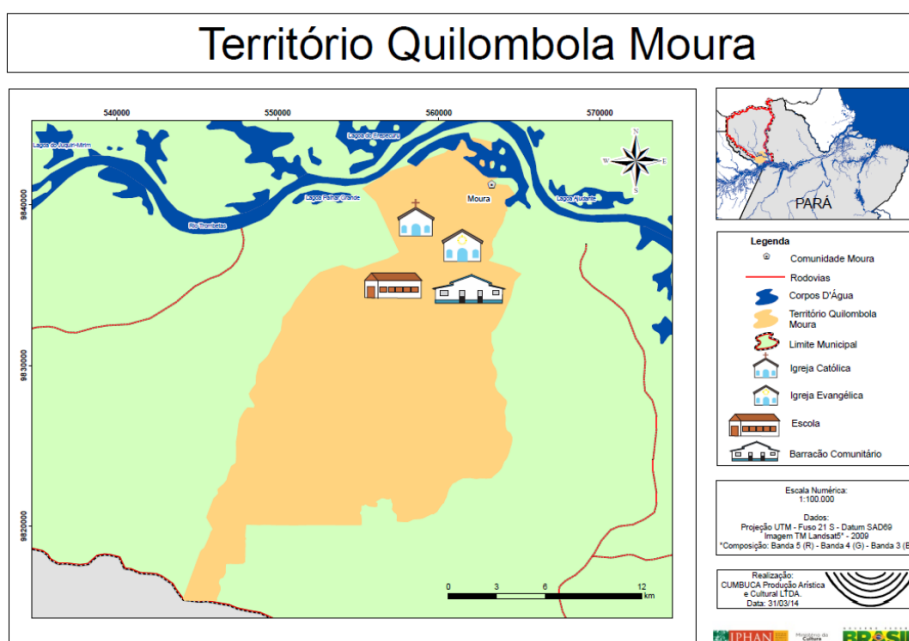
ÁREA ALTO TROMBETAS II

A área é representada pela Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombo do Alto Trombetas (ACRQAT), filiada à ARQMO, e integra atualmente dois territórios: Boa Vista e Moura-Jamari-Último Quilombo.



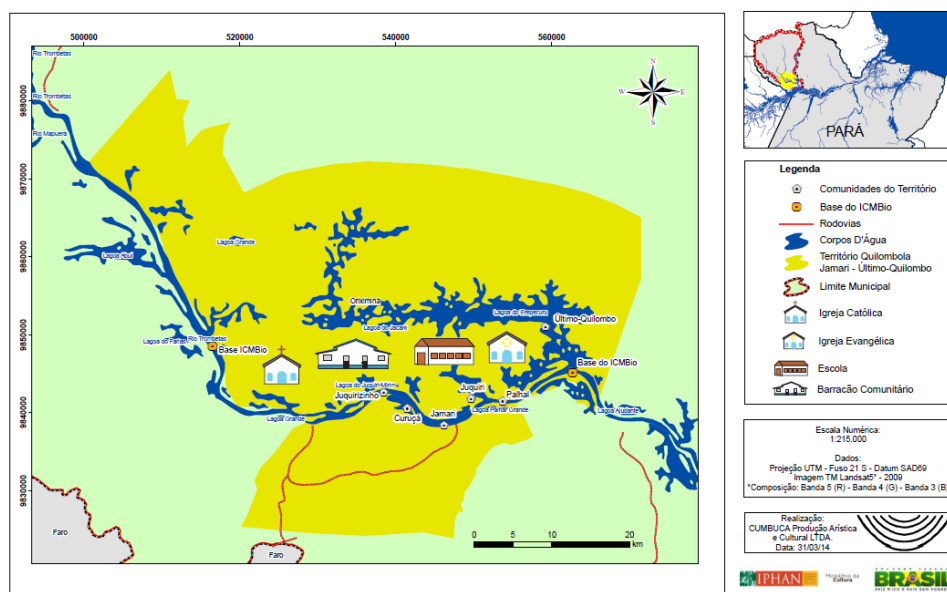
Mapa 3: Território quilombola Boa Vista, INRC Quilombos de Oriximiná. João Thiago-Cumbuca. Oriximiná-PA, 2014.

O território Moura-Jamari-Último Quilombo, no momento da pesquisa de campo ainda se definia como dois territórios separados, Moura e Jamari-Último Quilombo.



Mapa 4: Território do Moura, INRC Quilombos de Oriximiná. João Thiago-Cumbuca, 2014.

Território Quilombola Jamari-Último Quilombo



Mapa 5: Território quilombola Jamari-Último Quilombo, INRC Quilombos de Oriximiná. João Thiago-Cumbuca. Oriximiná-PA, 2014.

Na revisão do processo de demarcação e titulação que está em curso no Incra, os quilombolas propuseram a contiguidade das áreas que ocupam, perfazendo assim um único território que agora compreende as comunidades Moura, Juquirizinho, Jamari, Curuçá, Juquiri, Palhal, Último Quilombo e Nova Esperança (Erepecu).

A Área Alto Trombetas II é demasiadamente afetada pela mineração do ponto de vista ambiental, social e cultural, em especial a comunidade Boa Vista e, mais recentemente, Moura.

Boa Vista é um território contíguo à cidade-enclave de Porto Trombetas e possui área muito reduzida em relação aos seus congêneres, o que restringe sobremaneira a realização das atividades agroextrativas que caracterizam a economia tradicional das comunidades quilombolas do município – como a coleta de castanha, a extração de copaíba, a agricultura de subsistência, a pesca e a caça, por exemplo, que requerem mais amplas extensões de terras, florestas e rios. Considerando que o desenvolvimento dessas atividades fica comprometido, e ainda a demanda de mão-de-obra (em geral pouco qualificada e barata) para serviços na cidade administrada pela Mineração Rio do Norte, os moradores têm buscado meios de subsistência fora da economia tradicional praticada por seus parentes em outras localidades do Trombetas.

Nesse contexto a população local volta-se prioritariamente para a prestação de serviços à mineradora, caracterizando-se Boa Vista como uma comunidade assalariada

semelhante a muitas outras que são estabelecidas em áreas urbanas. Da mesma forma, padece como elas de problemas sociais agravados pelo quadro de pobreza material, dependência econômica dos empregadores e precariedade dos serviços públicos que lhe são oferecidos. Paradoxalmente, trata-se do primeiro território quilombola titulado no Brasil.

A comunidade Moura segue trajetória semelhante atualmente. Avolumam-se aí problemas como prostituição, degradação ambiental e aumento do nível de assalariamento em detrimento das formas tradicionais de economia, gerando aumento da dependência da população local em relação à MRN.

Além desses problemas, decorrentes do choque com formas de vida e economia trazidas pela empresa, em toda a região há outros relacionados à ausência ou insuficiência da ação estatal: total falta de escolas de nível médio, insuficiência de postos e agentes de saúde, precariedade dos meios de comunicação.

A presença de duas Unidades de Conservação federais (Flona de Saracá-Taquera e Rebio do Trombetas) também impacta essa área quilombola, pois, além de restringir o acesso a recursos naturais, constroem os moradores ao controle de trânsito no rio Trombetas por intermédio da base de fiscalização implantada próximo à entrada do Lago Erepecu, onde há uma praia de desova de quelônios. Esse lago é um dos principais mananciais de recursos indispensáveis aos quilombolas, sendo particularmente rico em castanhais, quelônios e peixes. Por esse motivo, é especialmente visado por invasores.

De um modo geral, a Área Alto Trombetas II apresenta referências culturais comuns às demais áreas quilombolas de Oriximiná, principalmente no que tange aos ofícios, saberes e modos de fazer relacionados às formas tradicionais de ocupação da terra.

Neste sentido, as principais referências culturais do território estão fortemente ligadas à história de resistência à escravidão e à conquista de domínio sobre as florestas e os rios na região do Alto Trombetas. Vale enfatizar, em relação a esse aspecto, que as distinções entre natureza e cultura nas formas de apropriação do território são tênues, posto que ambas as dimensões sempre estiveram entrelaçadas na trajetória de estabelecimento das comunidades quilombolas na região.



Foto 13: Macaco na rede, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Juquiri Grande, Oriximiná – PA. 20/04/2013.

É parte significativa de seu patrimônio cultural, portanto, todo o conjunto de atividades, saberes e práticas de manejo da floresta, dos rios, lagos e igarapés, de acordo com o calendário ecológico regional. Ademais, esses ambientes naturais também são marcos de valor histórico e identitário, na medida em que constituíram a condição mesma de sobrevivência e reprodução física das famílias quilombolas.

As principais referências culturais da área são:

Celebrações

Registram-se festas religiosas, juninas, natalinas e outras, assim como no restante das áreas quilombolas. Cada comunidade festeja o seu santo padroeiro junto com visitantes de todas as comunidades da área. As principais festas de santo são as seguintes: festa de São José, em Boa Vista; festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no Moura; festa de Santo Antônio, no Jamary, que é especialmente considerada pelos moradores locais; festa de Nossa Senhora de Aparecida, no Último Quilombo; festa de Santa Luzia, no Palhal; festa de São Pedro, no Curuçá; festa de São Lázaro, no Juquiri-Grande; e festa do Divino Espírito Santo, em Nova Esperança.

Em geral, as comunidades contam com colaborações materiais da Prefeitura de Oriximiná e da empresa Mineração Rio do Norte (MRN) para realização das festas dos santos padroeiros.

Formas de expressão

Recebem destaque as “músicas de pau e corda” e as danças que as acompanhavam antigamente: lundu ou landu, desfeiteira, mazuca ou mazungue (corruptela de mazurca), valsa, bolero e quadrilha. Tais danças e músicas fazem parte da

memória local e, hoje em dia, raramente são realizadas, a não ser nas chamadas “festas culturais”.

Uma forma de musicalidade mais singular dos territórios quilombolas de Oriximiná, e que tem no Moura um foco de produção e recepção, é a chamada “música dos quilombos”. São assim conhecidas as composições feitas e cantadas pelos próprios moradores das comunidades quilombolas para animar suas festas, apresentações culturais, reuniões, assembleias e outros momentos de encontro. O compositor mais conhecido do Moura é o senhor José Lopes.

As histórias de encantarias também são muito frequentes. Há vários relatos sobre encantos – lugares mágicos que geralmente ficam no fundo das águas, nos igarapés, poços e rios, dentro das florestas, em pontas de pedra, debaixo da terra – e encantados que castigam as pessoas que não respeitam esses lugares ou que não cumprem determinados preceitos e restrições – como matar filhotes de caça, deixar carne de caça apodrecer na floresta, tomar banho de rio estando menstruada (no caso das mulheres), entre outros.

Lugares

Os lugares mais significativos para os moradores da área quilombola são aqueles onde se realizam suas principais atividades produtivas – castanhais, copaibais, rios, lagos e igarapés – e os que estão relacionados às crenças em encantarias, como a Ilha das Garças e a Praia das Garças.

Na comunidade do Moura o solo é rico em bauxita e por esse motivo, ela tem sido visada em projetos de expansão da empresa Mineração Rio do Norte. Na área de moradia da comunidade o solo é rico em terra preta e esconde vários vestígios arqueológicos.



Foto 14: Fragmento de cerâmica, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Juquirizinho, Oriximiná – PA. 19/04/2013.

Ofícios e modos de fazer

Boa parte dos ofícios e modos de fazer tidos como referências culturais do Alto Trombetas II está relacionada ao tratamento de doenças provocadas por encantados ou fatores naturais mesmo. Embora o tratamento das primeiras exija a intervenção de agentes rituais específicos, que dominam certas práticas de caráter mágico-religioso como a benzeção, a cura das segundas é um assunto de ampla difusão em todas as comunidades. Com efeito, práticas de cura baseadas em conhecimentos tradicionais das plantas são muito frequentes em toda parte, tanto que é bastante comum observarmos nos quintais das casas grande diversidade de plantas que são usadas para fins terapêuticos.

O artesanato de barro nas comunidades Boa Vista, Moura e Curuçá tem sido apoiado pela MRN e representa um potencial de desenvolvimento econômico na área quilombola.



Foto 15: Artesanato em barro, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Moura, Oriximiná – PA. 20/04/2013.

Outros ofícios importantes na área estão relacionados às formas da economia agroextrativa tradicional que caracteriza o conjunto das comunidades quilombolas de Oriximiná. O mais notável entre eles é o ofício de castanheiro, que ocupa grande parte dos homens. Outros ofícios extrativistas são desenvolvidos, tendo como foco a copaíba, o breu, cipós e talas.

A agricultura familiar com vistas à subsistência também é importante na região, muito embora as áreas de roçado nas áreas sobrepostas pela Reserva Biológica Trombetas e pela Flona Saracá- sejam significativamente reduzidas. Plantam-se vários produtos, dentre eles batata, milho, feijão e frutíferas, mas o que mais se cultiva é a mandioca para abastecer as casas de farinha existentes em todas as comunidades da área.

As casas de farinha são construções simples feitas com madeiras, sobre chão batido e cobertas de palha. Dentro delas usam-se instrumentos de trabalho tradicionais, de fabricação artesanal. Observa-se que alguns deles têm sido progressivamente substituídos por instrumentos mais modernos, mas os modos de fazer permanecem inalterados.

Nos trabalhos na roça e nas casas de farinha observa-se a prática de puxiruns – mutirões – que arregimentam parentes, amigos e vizinhos para o trabalho em prol de uma família que, em retribuição, oferece refeições e/ou bebidas aos seus ajudantes, além de comprometer-se em ajudá-los com trabalho do mesmo modo em uma futura ocasião.

Atividades básicas e indispensáveis para a sobrevivência das famílias locais, a caça e a pesca são praticadas cotidianamente para o autoconsumo e guardam marcas da vida comunal que as comunidades quilombolas estabeleceram ao longo da trajetória de ocupação do Alto Trombetas. Os tipos de caça variam conforme a época do ano e os períodos de reprodução das espécies disponíveis. Para a pesca o período mais favorável é o verão, quando as águas estão mais baixas e represam maiores quantidades de peixes.

As práticas de caça e pesca estão tolhidas nas áreas abrangidas pelas Unidades de Conservação e sofrem intensa fiscalização do ICM-Bio. Contudo, mesmo com as restrições imputadas, os quilombolas ainda caçam, pescam e mantêm a tradição de dividir o alimento entre os familiares e comunitários.

As carnes de caça e os peixes, junto da farinha de mandioca, integram a alimentação básica das famílias quilombolas e provêm das próprias comunidades. Complementos como arroz, macarrão, feijão são normalmente comprados em mercados de Oriximiná. As carnes são preparadas na brasa, guisadas ou cozidas no leite da castanha. Para o preparo desse leite é preciso ralar a castanha uma a uma, geralmente em um ralador feito de um recipiente de lata. Dentre os pratos mais apreciados pelos quilombolas está o jaboti na castanha. A castanha também entra no preparo de iguarias como mingaus, bolos, cocadas, quebra-queixos, beijus, paçocas, canjicas, bolinhos e pamonhas.

Participação local

A Área Alto Trombetas II conta com comunidades dotadas de infraestrutura, conhecimentos técnicos e considerável capacidade de organização, além de vontade coletiva, para incrementar a vida cultural local. Tradições de alta significação cultural e identitária são objeto de trabalho por parte dos professores das escolas municipais, que atuam também na organização de bibliotecas, publicações, festas cívicas e religiosas, além de brincadeiras esportivas e outras formas de expressão lúdicas e artísticas.

Recomenda-se especial atenção às potencialidades de desenvolvimento do artesanato de barro como atividade cultural geradora de renda, que é praticado por homens e mulheres na área. Recomenda-se também a realização de ações de pesquisa e preservação do patrimônio arqueológico da comunidade do Moura, que tende a ser impactado pela expansão dos projetos minerários na área.

ÁREA CACHOEIRA PORTEIRA

Esta área corresponde simultaneamente ao território e à comunidade Cachoeira Porteira. Trata-se, como diz o nome, de uma comunidade localizada em trecho encachoeirado do Rio Trombetas, acima do Abuí.

A comunidade está organizada em torno de uma extensa rua de terra e piçarra, aberta pela empresa Andrade Gutierrez como continuação da Rodovia BR 163, nos tempos de pesquisa para implantação de empreendimentos hidroelétricos e minerários na localidade. Sua área é cercada por aldeias indígenas (Wai Wai, Kaxuyana, Iscariana) e unidades de conservação (Flota de Faro, Flota Trombetas e Rebio).

A comunidade quilombola, representada pela AMOCREQ (que não é filiada à ARQMO), luta pela demarcação e titulação do território, que é disputado atualmente com índios e com o Estado, em função das sobreposições com as áreas de pretensão indígenas e com as já mencionadas unidades de conservação.



Foto 16: Casa na rua principal de Cachoeira Porteira, INRC-Quilombos de Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Oriximiná-PA, 02/05/2013.

Suas feições, pela disposição espacial das casas ao longo da rua, algumas delas reaproveitamentos das antigas moradias da empresa Andrade Gutierrez, diferem grandemente das demais comunidades quilombolas organizadas nas margens, nos lagos e nos furos do Rio Trombetas. Também, pela presença de muitos ex-funcionários dessa empresa, sendo vários migrantes de outras regiões do país, que ali mantiveram



Foto 17: Canoas indígenas, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Cachoeira Porteira, Oriximiná – PA. 02/05/2013.

Entre as percepções gerais sobre o território, suas referências culturais são comuns às demais áreas quilombolas de Oriximiná, principalmente no que tange aos ofícios, saberes e modos de fazer relacionados à história de resistência à escravidão e à conquista de domínio sobre as florestas e os rios na região do Alto Trombetas, que resultam em formas coletivas de ocupação e uso da terra. Neste sentido, as principais referências culturais do território estão fortemente ligadas às práticas produtivas.

Ligados a essas práticas, destacam-se alguns lugares de fundamental importância na trajetória de ocupação negra na região. Nesses casos, trata-se principalmente de ambientes naturais (rios, cachoeiras, furos, igarapés) que são também marcos de valor histórico e identitário, na medida em que constituíram a condição mesma de sobrevivência e reprodução física das famílias quilombolas no território. No que tange a celebrações e formas de expressão, os moradores da localidade compartilham memórias e práticas contemporâneas similares às das comunidades vizinhas.

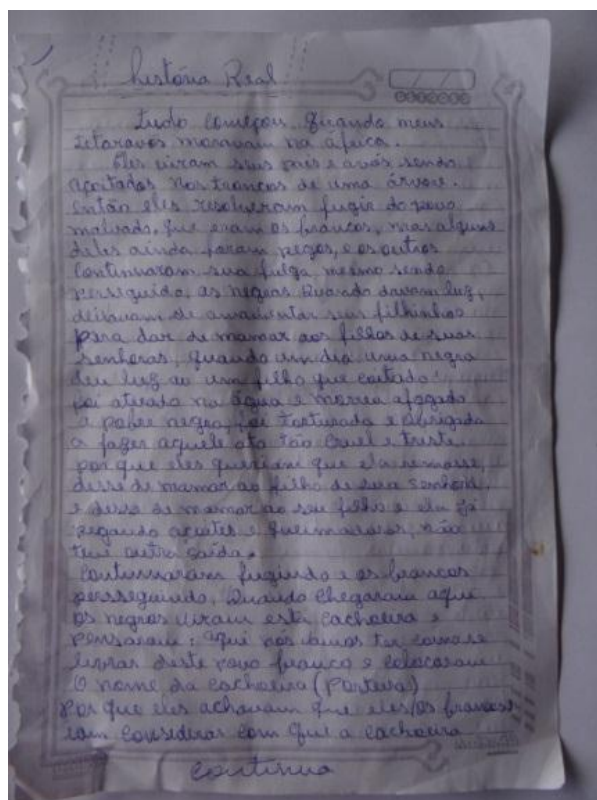


Foto 18: História real da Cachoeira Porteira, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Cachoeira Porteira, Oriximiná – PA. 02/05/2013.

A seguir, serão apresentadas algumas das principais referências culturais apontadas pelos moradores de Cachoeira Porteira.

Lugares

A própria cachoeira chamada Porteira tem um significado histórico todo especial, não só para os moradores desta localidade, mas para todas as comunidades remanescentes de quilombos localizadas no Rio Trombetas. Primeira cachoeira do rio, batizada pelo missionário franciscano, Mazzarino, de São Miguel Arcanjo, a Cachoeira Porteira foi a passagem de fuga da escravidão para a liberdade, o lugar que serviu de abrigo para os negros, no leito das águas, das pedras e da mata.

Foi acima da Cachoeira Porteira, com ajuda dos índios Kaxuyana, que se instalaram as primeiras famílias de negros fugidos no Rio Trombetas. Foi também na Cachoeira Porteira que na década de 1980, na época de organização do movimento quilombola de Oriximiná, os negros realizaram um manifesto contra o projeto de instalação de uma usina hidrelétrica no Alto Trombetas.

A Cachoeira Cair dos Pretos é mais uma referência da área. Localizada no Rio Cachorro, ela foi um lugar de refúgio dos negros que fugiam da escravidão. Da mesma forma, os quilombos Campiche e Maravilha, formados pelos negros acima da Cachoeira

Porteira. Ambos, apesar de não abrigarem mais comunidades, permanecem vivos na memória de muitos quilombolas, que são, em número considerável, descendentes das famílias que se aquilombaram no alto curso do Rio Trombetas.

Ofícios e modos de fazer

Como se verifica na maioria dos territórios quilombolas de Oriximiná, a extração da castanha é um ofício tão antigo quanto atual na Cachoeira Porteira. Nessa comunidade existiam importantes casas de comércio mantidas pelos patrões, entre elas a Casa Porteira e a Casa Jacaré, que vendiam mercadorias a crédito para os negros e recebiam sua produção. Regatões – barcos de comércio que faziam o papel de mascates ou mercadores ambulantes pelos rios da Amazônia – também frequentavam a localidade, vendendo mercadorias aos negros e recolhendo sua produção de castanhas e de outros gêneros florestais.

Os castanhais atualmente, são entendidos como áreas de uso coletivo, às quais todo quilombola tem direito de acesso. Mesmo assim, ainda são considerados “donos” dos castanhais alguns moradores antigos que, por respeito dos vizinhos, desfrutam com mais privilégios de algumas áreas nas quais trabalham há muito tempo. De todo modo, eles não são considerados como proprietários dessas áreas e não proíbem que outras as explorem para extração de castanha e demais produtos florestais (talas, cipós e frutos como o açaí, por exemplo).

A pesca é praticada durante todo o ano nos rios Trombetas, Mapuera e Cachorro, assim como nos lagos e igarapés, principalmente na estação do verão. Os pescados mais frequentes são piau, sardinha, surubim, filhote, dourada, tambaqui e camunanim, entre outros. Embora se destine exclusivamente ao autoconsumo, tem sido dificultada devido à intensa fiscalização feita pelo ICM-Bio dentro e nos arredores da Rebio Trombetas.

A agricultura, apesar das restrições impostas pelas Unidades de Conservação que incidem sobre o território, ainda é um ofício importante para a sobrevivência dos habitantes de Cachoeira Porteira. Justamente por terem suas áreas de moradia sobrepostas pelas UCs, os moradores agora fazem os roçados longe de casa, ao contrário do que faziam no passado, quando os plantios ficavam no quintal, atrás de casa.

Quando a atividade era mais intensa na localidade, toda a família ia para a roça. As crianças começavam a trabalhar com os pais na lavoura desde cedo, pois não tinham escolas para frequentar, e logo aprendiam o ofício. Todos os membros da família dividiam as tarefas entre si, conforme a idade e as habilidades de cada um. Atualmente,

o trabalho das crianças na lavoura decaiu consideravelmente. Por um lado, há o fato de as práticas agrícolas estarem mais restritas na localidade em função das Unidades de Conservação. Por outro, a vida escolar já ocupa a maioria das crianças da comunidade, impedindo que se dediquem aos trabalhos que seus ascendentes realizavam quando tinham sua idade.

Como a farinha de mandioca é um produto que não pode faltar na mesa das famílias locais, essa produção é uma atividade de referência na localidade. Cinco casas de farinhas situadas na comunidade atendem às famílias produtoras em sistema de ajuda mútua e parceria – quem possui essa estrutura empresta-a para outros moradores produzirem sua farinha, e estes deixam em troca para o dono da casa uma parcela de sua produção.

O artesanato que mais se destaca no território é o de talas, palhas e cipós, que é praticado por diversas pessoas na comunidade. Trata-se de um trabalho individual, normalmente, e voltado para atender a demandas dos próprios comunitários e dos vizinhos, que usam uma variedade de objetos trançados em suas atividades cotidianas. Paneiros, peneiras, abanos, jamanxins e cestaria em geral estão entre os produtos mais procurados, nessa linha dos utilitários. No entanto, alguns artesãos, visando turistas, pesquisadores, trabalhadores e visitantes que vez por outra aparecem na localidade, vêm se dedicando à produção de miniaturas para fins decorativos.



Foto 19: Arnaldo Pereira de Jesus, artesão, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Cachoeira Porteira, Oriximiná – PA. 02/05/2013.

Ressalte-se que, apesar da expressividade do ofício na localidade, não existe em nenhum território uma organização que represente os artesãos.

Formas de expressão

Em Cachoeira Porteira há forte recorrência de narrativas sobre seres sobrenaturais como visagens, curupiras, botos, matintas-pereiras e outros encantados que habitam o território, preferencialmente em lugares mágicos que ficam no fundo das águas, nos igarapés, poços e rios, dentro das florestas, em pontas de pedra, debaixo da terra.

A narrativa mais comum na localidade é a do Pretinho do Porão, um personagem que, segundo moradores, aparece nas cachoeiras como se estivesse saltando em meio à queda d'água. Embora tome a forma humana em suas aparições, os moradores creem que ele é um encantado do fundo do rio que pode “judiar” (fazer mal) das pessoas. Outros relatos frequentes na localidade referem-se à aparição de certa loira misteriosa, a uma galinha que punha ovos de ouro e a tesouros enterrados.

Celebrações

A festa que singulariza a localidade é a de Nossa Senhora de Fátima, a qual remonta à história de ocupação da comunidade pela empresa Andrade Gutierrez. Isto porque o santo festejado pelos antigos moradores de Cachoeira Porteira era Santo Antônio, e os festejos de Nossa Senhora de Fátima só começaram depois que os operários da empresa Andrade Gutierrez fizeram a doação de uma imagem da virgem para a comunidade.

Os moradores explicam que acolheram Nossa Senhora de Fátima porque a empresa também doou o material para a construção da sua capela, recurso que até então eles não possuíam para fazer o mesmo para Santo Antônio. Sendo a capela uma construção importante, eles não hesitaram em aceitar o presente, mas, nem todos ficaram contentes por terem trocado de santo. Até hoje, muitos moradores não vão sequer à igreja de N. S. de Fátima durante seus festejos, realizados no dia 13 de maio.

Todos os anos escolhem-se grupos para os quais são distribuídas tarefas como: bar, cozinha, liturgia e coordenação. A festa tem duração de uma semana durante a qual os comunitários realizam peregrinação diária nas casas e oferecem orações (ladainhas) à santa. Todas as noites, os devotos celebram cultos. Cada noite um grupo fica responsável pelo culto, seja o grupo da escola, dos castanheiros, dos jovens. No último dia da celebração é feita uma procissão que se encerra com o culto na igreja. Em

seguida, os comunitários realizam a festa “social” na qual são apresentadas danças “culturais”, como o maculelê, geralmente, organizadas pela escola.

Participação social

Cachoeira Porteira tem uma história muito rica a respeito da constituição dos quilombos de Oriximiná. O nome faz jus aos acontecimentos ocorridos no passado, quando a cachoeira representava a zona de proteção contra as investidas de recaptura feitas pelos brancos.

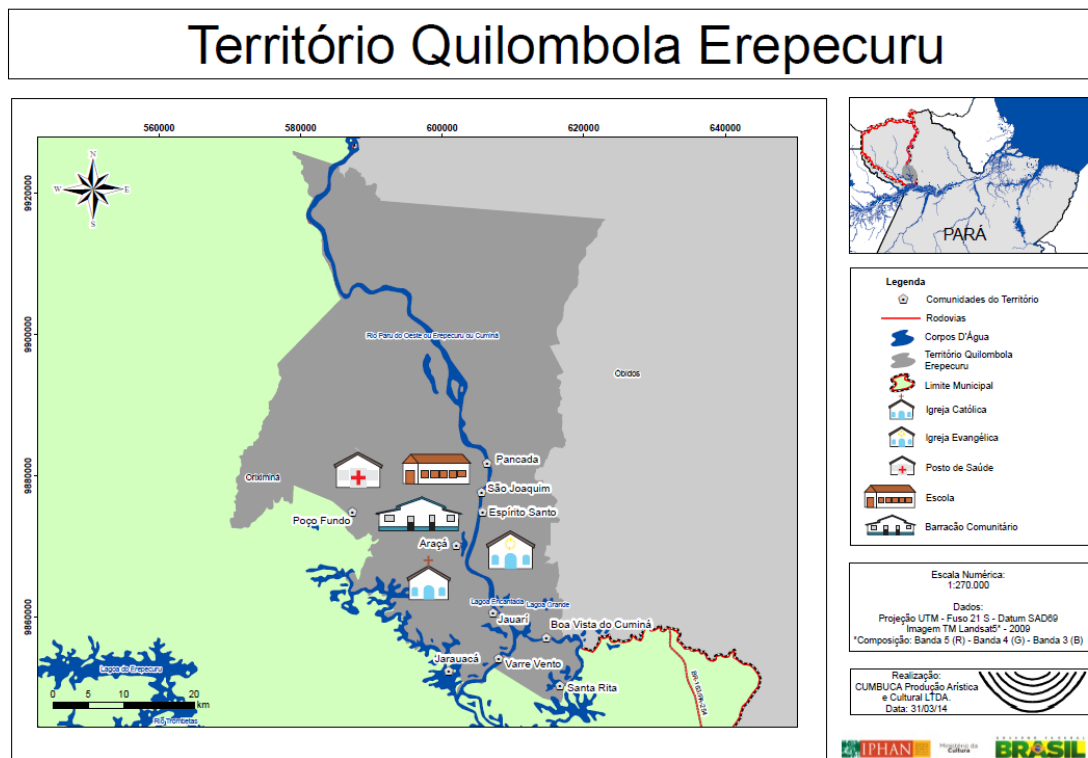


Foto 20: Moradores e equipe reunida para oficina de socialização do INRC, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Cachoeira Porteira, Oriximiná – PA. 02/05/2013.

Chama atenção a heterogeneidade da comunidade, embora haja densas referências ao passado comum dos escravos fugidos que formaram os mocambos do Trombetas e à centralidade da localidade no processo de expansão da ocupação negra naquela bacia. Aparentemente, a memória do passado comum fundamenta os vínculos do grupo étnico, embora atualmente esse grupo esteja largamente inserido em relações com sujeitos de outras origens étnicas, inclusive de fora da região.

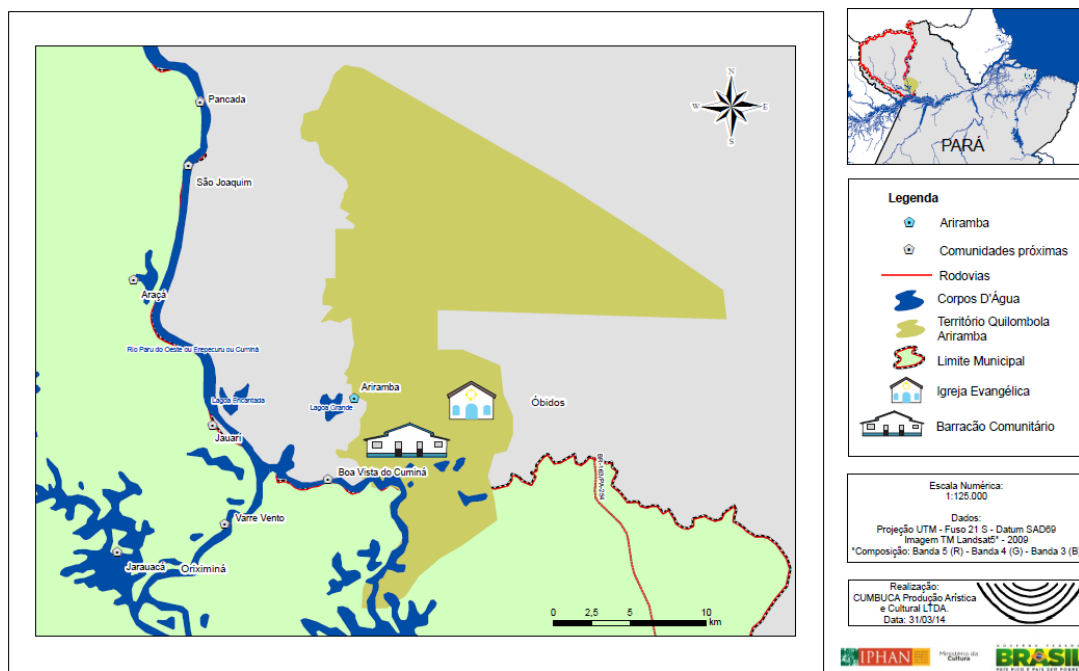
ÁREA EREPECURU

Para fins de organização política da ARQMO e métodos desta pesquisa, estão sendo tomados como parte da Área Erepecuru os territórios Ariramba – compreendendo a comunidade de mesmo nome, em processo de delimitação para titulação pelo Inra e pelo Iterpa – e do Erepecuru – titulado em 1998, integrado pelas comunidades Varre Vento, Jauari, Jarauacá, Acapu, Araçá, Pancada, São Joaquim, Espírito Santo, Santa Rita, Poço Fundo e Boa Vista Cuminá.



Mapa 7: Território quilombola Erepecuru, INRC Quilombos de Oriximiná. João Thiago-Cumbuca, Oriximiná-PA, 2014.

Território Quilombola Ariramba



Mapa 8: Território Quilombola Ariramba, INRC Quilombos de Oriximiná. João Thiago-CumBUca, Oriximiná-PA, 2014.

Os maiores problemas da Área Erepecuru estão relacionados à ausência ou insuficiência da ação do Estado nos setores de educação e saúde. Totalmente desatendidos nesses setores, os moradores do Ariramba devem recorrer a um posto de saúde da comunidade do Jauary e à escola na comunidade de Boa Vista-Cuminá.

Enquanto o Ariramba luta contra sucessivas invasões a suas áreas de uso, os moradores do Território Erepecuru têm experimentado dificuldades próprias ligadas ao estabelecimento de novas relações de trabalho, com a recente introdução de uma madeireira em sua área, com base de escoamento de toras na comunidade de São Joaquim. O empreendimento assenta-se em prerrogativas legais e em acordos econômicos estabelecidos com a Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Erepecuru (ACORQE), mas levanta suspeitas e dúvidas, da parte dos próprios moradores, em relação aos reais benefícios que trará para a população quilombola.

Em toda esta área verificam-se paisagens variadas, desde áreas de floresta preservada (áreas de uso) até áreas antropizadas, correspondentes às zonas habitadas e cultivadas (áreas de moradia) e aos centros comunitários. Essa diferenciação relaciona-se diretamente com as formas de organização socioespacial das famílias quilombolas e

com os seus modos de vida e as suas práticas produtivas. No que tange, pois, a esses aspectos da cultura, os dois territórios que compõem a Área Erepecuru são bastante homogêneos.

A principal fronteira de distinção cultural entre eles é a religião: os moradores do Erepecuru são católicos, na grande maioria, e os do Ariramba são evangélicos. É principalmente nas celebrações e formas de expressão que essa distinção se expressa, o que, de modo algum, prejudica os intensos intercâmbios entre as famílias dos dois territórios.

Celebrações

As principais celebrações ocorrem no território Erepecuru, que tem forte referência nas antigas festas em que se executavam danças como lundu, mazurca, desfeiteira, valsa, marambiré.

Como nas demais áreas, destacam-se as festas de santo, entre as quais: a festa de Nossa Senhora Aparecida, em Boa Vista, no mês de outubro; a festa de São Joaquim, na comunidade homônima, em junho; a festa de Nossa Senhora da Conceição, na Pancada, no dia 8 de dezembro; e a festa de São Benedito, no Jauary, em janeiro.



Foto 21: Imagem de São Joaquim, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. São Joaquim, Oriximiná – PA. 11/05/2013.

A festa de São Benedito do Jauary destaca-se na região, integrando duas tradições cultivadas na área: a Folia de São Benedito e o Aiué. A folia de São Benedito é uma procissão fluvial durante a qual se reza e se cantam hinos a São Benedito, enquanto os foliões agitam bandeiras ao som do toque de caixas. Já o Aiué é referido

como um dos rituais mais importantes de congregação de negros nos princípios do século XX, registrado em áreas quilombolas de Oriximiná e Óbidos. Tratava-se de uma celebração mista de elementos africanos e católicos, associada à Folia de São Benedito, uma manifestação cuja estrutura se assemelhava à de outras festas de santo organizadas em torno de mastros e ramadas, comuns no interior da Amazônia. A celebração, que incluía ritos de esmolação (coleta de doações para o santo), visita a casas e repasto (oferta de refeições aos festeiros), culminando no momento simbólico do beija-o-santo, chegou a ser proibido pela igreja católica por volta de 1935.

Formas de Expressão

Moradores do Território Erepecuru organizaram-se para atualizar as músicas de pau e corda nas comunidades quilombolas da área. Destaca-se entre eles o grupo Encanto do Quilombo, que se formou na comunidade do Jauary a partir de uma oficina de confecção de instrumentos de percussão com materiais da própria comunidade, realizada pela Fundação Curro Velho em 2012. A iniciativa nasceu de uma demanda da comunidade como uma forma de resgatar a tradição do uso de instrumentos de pau e corda na realização do Aiué. O grupo tem 17 componentes, moradores do território Erepecuru, e costuma tocar nas festas nas comunidades quilombolas.

As danças antigas (lundum, valsa, mazurca e outras) são executadas nas chamadas “festas culturais”, normalmente por moradores mais idosos e por grupo organizados de jovens, que são ensaiados nas escolas.



Foto 22: Dança do lundu, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. São Joaquim, Oriximiná – PA. 11/05/2013.

Os grupos de jovens muitas vezes conjugam as apresentações de danças antigas com coreografias contemporâneas, de caráter afirmativo da identidade quilombola. A Dança Afro, por exemplo, é uma atração cultural da comunidade São Joaquim. Há também a Dança do Zumbi com a Dandara (guerreira negra, esposa do líder quilombola Zumbi), que é organizada por moradores da comunidade do Espírito Santo para narrar a história do povo negro que lutou contra a escravidão.

Lugares

Como em outras localidades pesquisadas, os lugares mais significativos para os moradores da área Erepecuru são aqueles onde se realizam suas principais atividades produtivas (castanhais, lagos, rios, igarapés, roçados), aqueles onde se passaram fatos históricos e os que são considerados assombrados ou encantados por seres sobrenaturais, a respeito dos quais versam muitas histórias de encantarias. Mas há também lugares de interesse turístico, que recebem visitantes com alguma frequência como é o caso das cachoeiras do Chuvisco e do Ventilado, ambas na comunidade da Pancada.

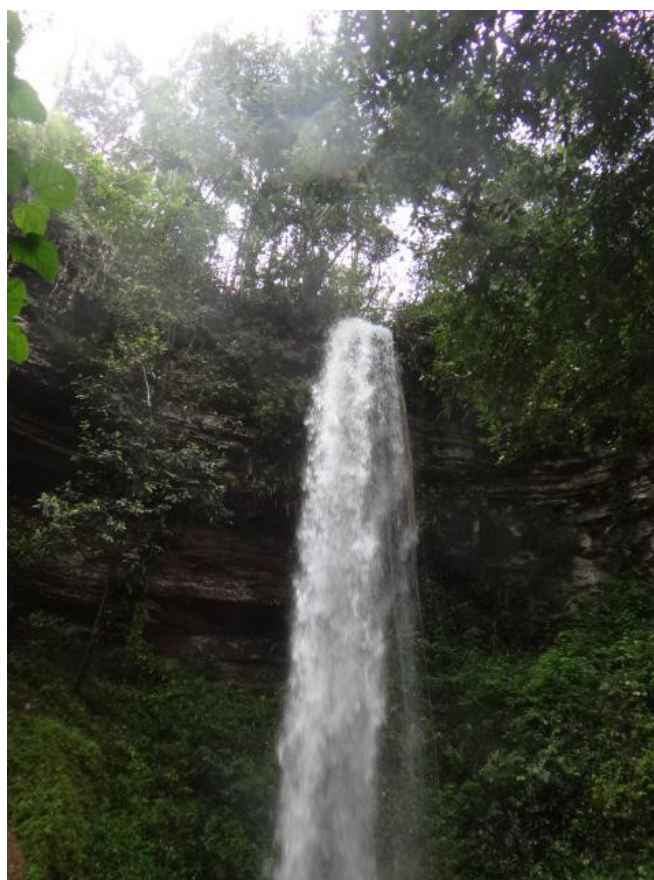


Foto 23: Cachoeira do Ventilado, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Pancada, Oriximiná – PA. 11/05/2013.

No rol dos lugares encantados estão o Barracão de Pedra, que teria sido a moradia das cobras grandes; o Curral de Pedra ou Curralzinho, onde certas pedras, quando são movidas, retornam ao lugar original; e o Lago do Centro, que é muito respeitado.

Ofícios e modos de fazer

A coleta de castanhas é uma atividade muito importante para a manutenção das famílias e do modo de vida quilombola em todo o território do Erepecuru. “Tirar castanha” é uma tarefa em que participam todos os membros aptos da família, desde crianças a adultos, até que a idade e a saúde o permitam. Embora a tradição de levar as crianças para os castanhais venha perdendo uso, em função dos compromissos nas escolas, algumas famílias ainda se transferem inteiras para os castanhais, quando é chegada a época da safra, no inverno amazônico. No castanhal cada um assume uma função: coletar, carregar, caçar, cozinhar, a fim de suprir a família durante a permanência na mata.

A castanha coletada é consumida na comunidade in natura ou preparada em beijos, mingaus e molhos para acompanhar, especialmente, carnes de caça. O excedente é vendido na cidade de Oriximiná, diretamente ao comprador, ou através da Cooperativa dos Quilombos (CEQMO), na qual alguns quilombolas são cooperados.

No Território Ariramba, particularmente, um produto de atividade extrativista que vem se tornando cada vez mais importante na composição da mesa e da renda familiar é o açaí, disponível em vasta extensão do território durante cerca de seis meses por ano: de março a agosto. Chama atenção a fartura desse recurso, cujo aproveitamento ainda tem sido aquém do. O trabalho de coleta, que exige uma técnica de escalada especial na palmeira, com uso de peconha, é feito sobretudo pelos meninos, adolescentes e jovens.

Em todas as comunidades da Área Erepecuru o artesanato era muito usado, mas hoje em dia pouco se encontra. A produção artesanal de objetos de barro, palhas, talas, cipós e madeiras era significativa no passado e respondia pela maior parte do consumo de utilitários nas residências e nos ambientes de trabalho. Entre outros objetos, produziam-se paneiros para juntar castanha e macaxeira, lixeiras (de cipó-ambé), tipitis, balaios e abanos (de palha de tucumanzeiro). O telhado das casas era feito com palha de ubim, que também servia para fazer o japá (porta e janela das casas). Atualmente são poucas as casas que possuem o telhado feito com ubim, mas utiliza-se muito para fazer as paredes dos banheiros.

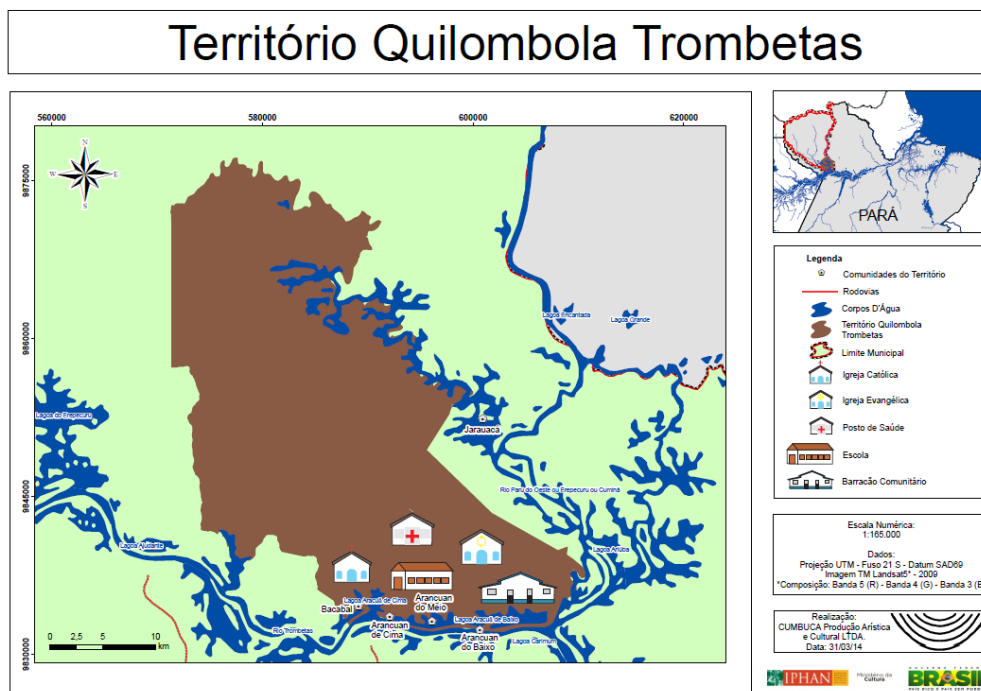
Participação social

As comunidades do Território Erepecuru mantêm forte ligação com o Território Ariramba, por meio de relações de parentesco, compadrio e amizade, apesar das diferenças entre elas, principalmente decorrentes do fato de a maioria dos moradores do segundo praticar a religião evangélica.

Em ambos os territórios os moradores demonstram uma preocupação acentuada com a manutenção das práticas culturais dos antepassados. Além de produzirem festas que designam como “culturais” – ou seja, em que há espaço para apresentações de músicas e danças antigas –, organizam grupos de dança e música no interior dos quais procuram garantir a transmissão dos saberes tradicionais, necessitando de apoio neste sentido.

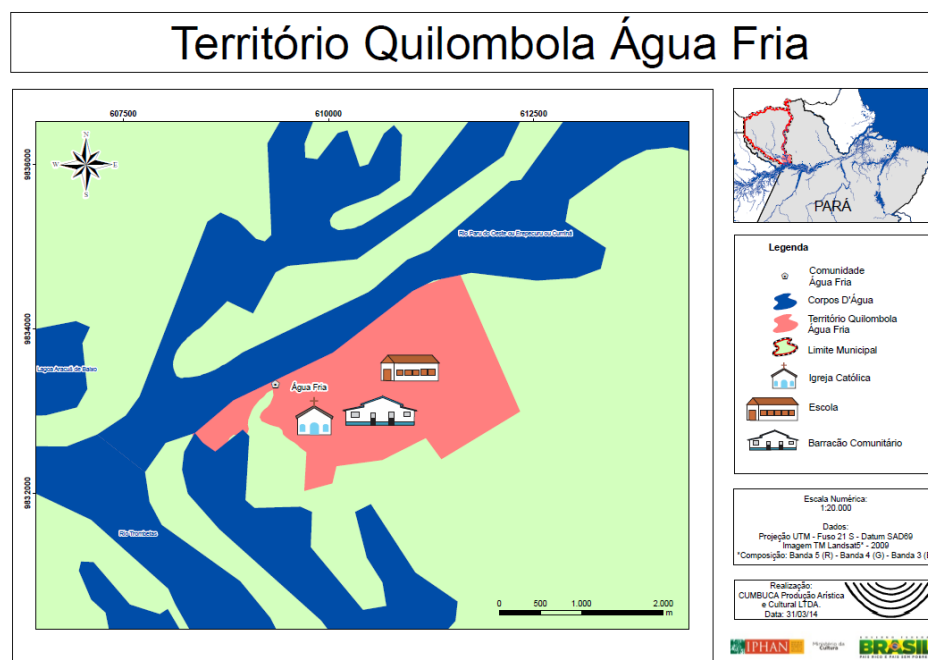
ÁREA TROMBETAS

O Território Quilombola Trombetas – integrado pelas comunidades de Bacabal, Arancuan de Cima, Arancuan de Baixo, Arancuan do Meio ou Varre Vento, Serrinha, Terra Preta II e Jarauacá – e o Território Quilombola Água Fria – correspondente à comunidade de mesmo nome – são associados à Área Trombetas para fins de organização política da ARQMO. Ambos os territórios foram titulados na década de 1990.



Mapa 9: Território quilombola Trombetas, INRC Quilombos de Oriximiná. João Thiago-Cumbuca. Oriximiná-PA, 2014.

O Território Trombetas é representado politicamente pela Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombo da Área Trombetas (ACORQAT), filiada à ARQMO, e sua coordenação exerce efetivamente o papel de liderança, sendo suas ações reconhecidas e respeitadas no lugar. Os maiores problemas do território estão relacionados à ausência ou insuficiência da ação do Estado nas áreas de educação, saúde, emprego e renda.



Mapa 10: Território quilombola Água Fria, INRC Quilombos de Oriximiná. João Thiago-Cumbuca. Oriximiná-PA, 2014.

O Território Água Fria é representado pela Associação de Comunidades Remanescentes de Quilombo da Comunidade Água Fria (ACRQAF), filiada à ARQMO.

Cabe enfatizar que, ao longo dos trabalhos de pesquisa do INRC, foram feitas, sem sucesso, diversas tentativas de contato com lideranças quilombolas desse território, visando ao agendamento de trabalho de campo e entrevistas com informantes da localidade, por intermédio da diretoria da ARQMO ou da pesquisadora quilombola Elielma de Jesus Pires. Assim, as considerações sobre suas referências culturais foram realizadas por meio de pesquisa bibliográfica e de interlocutores que não são necessariamente os mais capacitados para informar sobre a realidade local, mas que se dispuseram a colaborar para que o território Água Fria fosse, ainda que minimamente, representado no inventário.

Segundo esses interlocutores, a vida cultural da comunidade Água Fria é muito semelhante à das outras comunidades pesquisadas. No cotidiano são realizados os mesmos ofícios da economia agroextrativa que caracteriza a maioria dos quilombos de Oriximiná: agricultura, pesca, caça, produção de farinha. Lugares associados a essas práticas são particularmente significativos para os moradores e, com frequência, estão envolvidos em narrativas históricas do lugar, bem como em histórias de encantarias. O circuito de celebrações envolve, como nas demais, comemorações religiosas e de datas

como o Dia da Consciência Negra, o Dia das Mães, festas juninas e natalinas. Os momentos festivos, assim como os de reunião e debate político, são compartilhados em espaços de uso coletivo como o barracão comunitário.

Devido à falta de contato com interlocutores autorizados da própria localidade, não foram registradas referências culturais que singularizem o território Água Fria na Área Trombetas, de modo que as referências culturais apresentadas a seguir foram identificadas no Território Trombetas, no qual sobrassem as festas de santos, os saberes e os modos de fazer ligados às plantas medicinais e à cura, à culinária tradicional e aos artesanatos feitos com matérias-primas naturais.

Celebrações

As festas de santo de destaque são: a festa de São João Batista em Arancuan do Meio, no mês de junho; a festa de São José na Serrinha, em dezembro; a festa de São Francisco de Canindé em Jarauacá, no mês de outubro; e a festa de Nossa Senhora da Piedade em Arancuan de Baixo, no mês de novembro.

Segundo moradoras do território, antigamente as festas de santo tinham círio, mastros e ladainhas, além de farta distribuição de comidas e muitas brincadeiras, como nas demais festas “culturais” dos quilombos. Hoje em dia, no entanto, elas perderam a maior parte das características tradicionais, resumindo-se à realização de breves celebrações, torneios de futebol e festas dançantes durante as quais tudo que se serve é vendido.

Formas de Expressão

As músicas de pau e corda e as danças que as acompanhavam (lundum, desfeiteira, valsa, mazurca), acima designadas “danças culturais”, estão entre as principais formas de expressão referenciadas pelos moradores do Território Trombetas. Tais danças e músicas animavam as antigas festas de santo na localidade e fazem parte da memória local, porém, hoje em dia, só são realizadas nas “festas culturais” a exemplo do festejo de São João Batista.

As histórias de encantarias são frequentes nas comunidades do Trombetas. Muitos são os relatos ouvidos na localidade sobre pessoas que, ao adentrarem a mata para coletar castanhas, acabaram se perdendo e não conseguiram mais voltar para casa. Geralmente essa situação é atribuída ao curupira, cujas estripulias fazem com que as pessoas se percam. Uma técnica para “driblar” o curupira, na crença local, é tecer cipó ou palha e deixar no caminho para que ele possa distrair-se com o trançado e, assim, “largar de mão” a pessoa que entra na mata.

Outros relatos muito frequentes tratam do boto. Mas, num caso narrado por um morador, foi uma “bota” (feminino de boto) que “judiou” de um homem que estava noivo, a tal ponto que “foi preciso fazer um tratamento com remédios caseiros, chá e caribé para fortificá-lo”. Há também narrativas sobre espíritos que passam por baixo da rede de algumas pessoas, normalmente para lhes “cobrar” maus-tratos cometidos a algum animal que era, na verdade, um encantado.

Lugares

Na comunidade Serrinha, onde viveu e morreu o famoso curador/sacaca Baldoíno Melo, existem dois lugares especialmente referenciados pelos moradores do território Trombetas: a Ponta do Galção (Garção) e a Ponta da Jacitara. Ambas eram usadas pelo curador Baldoíno Melo para fazer seus trabalhos de cura. Na primeira ele costumava mergulhar para chegar até os encantos. Há ainda relatos sobre locais onde que há muito ouro enterrado na localidade. Dizem no território que onde há ouro enterrado, há sinal de fogo.

Ofícios e modos de fazer

Em todo o território do Trombetas, é a comunidade de Arancuan do Meio que mais mantém a tradição de fazer tarubá, particularmente na festa de São João Batista. Essa é uma bebida de origem indígena, feita à base de mandioca fermentada e tradicionalmente consumida nas festas de santo no Baixo Amazonas, e é apreciado também pelos quilombolas de Oriximiná. O tarubá aparece na memória de vários moradores dos territórios pesquisados, mas no território Trombetas encontra-se ainda entre as iguarias preparadas na atualidade, muito embora seja reduzido o número de pessoas que sabem fazê-la.

Práticas de cura à base de ervas medicinais são frequentes no território, acionadas por parteiras, benzedadeiras, puxadeiras e curadores, também conhecidos como sacacas e, às vezes, referidos como pajés.



Foto 24: Apolônia Lopes Souza (Tia Pola), parteira do Jarauacá, INRC-Quilombos de Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Oriximiná-PA, 07/05/2013.

Os curadores fazem parte do mundo diário, mas nem por isso menos fantástico, da vida de moradores de diversas comunidades tradicionais na região amazônica, que mantêm uma relação muito próxima com elementos da natureza, entre os quais os encantados. Acredita-se que os curadores veem e ouvem coisas que os comuns não enxergam e não escutam, por isso são tão importantes para assegurar o bem estar da comunidade. A ele cabem práticas tradicionais de cura de doenças físicas e espirituais, especialmente aquelas provocadas por encantados, que só ele pode curar, segundo a crença regional.

Nos quilombos de Oriximiná, veio do Território Trombetas o mais famoso curador/sacaca da região: o senhor Baldoíno Melo, chamado Velho Baldoíno. Ele é reconhecido até hoje como o “maior curador de todos os tempos”, o “maioral” em todos os territórios quilombolas de Oriximiná e até mesmo em Santarém.



Foto 25: Imagem do casal Balduíno Melo e Francisca, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Serrinha, Oriximiná – PA. 07/05/2013.

Ele atendia a chamados de todas as comunidades da bacia do Trombetas e recebia quase que diariamente vários visitantes/pacientes em sua casa na Serrinha. Nela ele reservava um espaço sagrado, aos fundos da residência, para fazer seus atendimentos.

Conta-se que ele misteriosamente sempre previa quando alguém viria procurá-lo. Quando a pessoa chegava à sua casa, segundo os relatos de seus familiares e conhecidos, ele costumava dizer: “Eu já sabia que você vinha”. Seu principal instrumento de trabalho para as previsões era um espelho no qual ele antevia o futuro das pessoas, assim como encontrava o paradeiro de pessoas e objetos perdidos. Ao paciente que o procurava, ele dizia logo se a doença tinha ou não tratamento. Quando tinha cura, o sujeito já ficava hospedado em sua casa para se tratar, às vezes por vários dias seguidos.

No mesmo espelho Baldoíno previu a construção de uma cidade no mesmo lugar onde hoje está Porto Trombetas, assim como a entrada de grandes navios no Rio Trombetas. Em seu tempo, quando tais acontecimentos pareciam impossíveis, muitos o chamavam de “preto mentiroso” por causa de suas previsões.

Baldoíno é lembrado com extremo respeito e admiração nas memórias de muitos quilombolas, que sobre ele contam muitas histórias. Dizem, por exemplo, que nos locais onde Baldoíno costumava mergulhar para lidar com os encantados, como é o caso da Ponta do Galção (Garção), são frequentes os casos de pessoas que viram

visagens e ficaram perturbadas. Dizem ainda que, quando tiravam uma fotografia de Baldoíno, ele nunca aparecia na imagem revelada. Conta-se também que ele não permitia a entrada de cachaça na festa de São José, e que sempre adivinhava e interpelava quem vinha trazendo garrafas escondidas na canoa, apreendendo-as até o dia seguinte.

Baldoíno Melo é reverenciado na Serrinha, onde vivem muitos descendentes seus. Na Igreja de São José que existe na localidade, ao lado do altar exibem-se fotografias do curador e da esposa. Na camiseta da escola local também se exibe a imagem de seu rosto.

Após sua morte a região do Trombetas não conheceu ainda um curador tão poderoso. Um de seus filhos herdou o dom, mas não chegou a desenvolvê-lo como o pai. Seu famoso espelho foi doado a outro curador, chamado Pedrinho, que atende na cidade de Curuá atualmente (para onde se mudou após muitos anos atendendo no Paraná de Óbidos). Na comunidade do Jarauacá um curador chamado Pedro Vieira, já falecido, atendia os moradores locais. Hoje em dia recorre-se a alguns benzedores que tratam “judiação de bicho” fazendo uso de defumações (com mukuracaá, pelo de porco-espinho, envirataia, breu e caruaru) e rezas.



Foto 26: Cachimbo e fumo, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Arancuan do Meio, Oriximiná – PA. 07/05/2013.

Por fim, há uma referência forte, na memória de moradores, aos ofícios das culturas do tabaco, café e cacau, que chegaram a ocupar grandes áreas de terra na região. Aparecem também menções ao cultivo e ao uso do “dirijo” (*Cannabis sativa*), que caiu em desuso com a criminalização do que, para muitos idosos, era um antigo

hábito familiar: o “dirijo” era consumido durante rodas de conversa nas quais tomavam parte pessoas de todas as idades, para confraternizar entre amigos, vizinhos e familiares.

Participação social

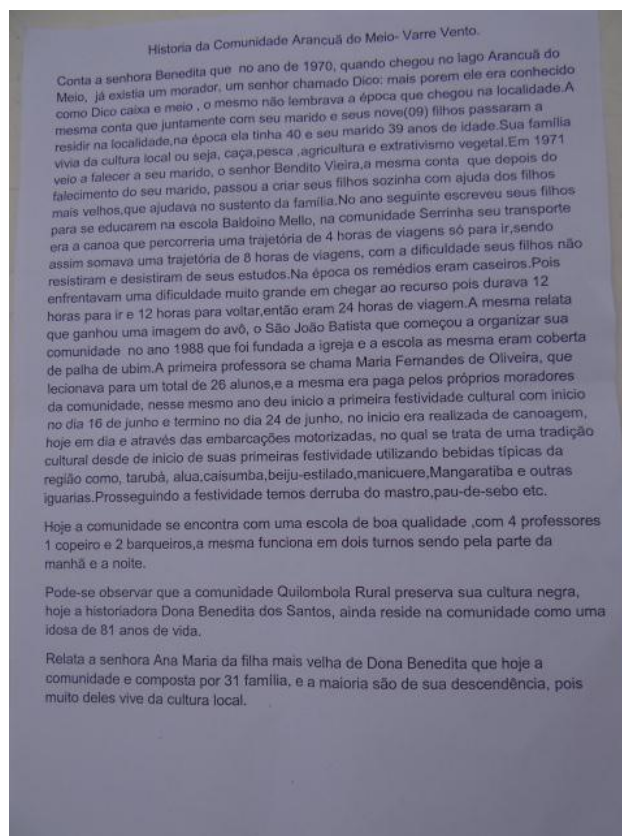


Foto 27: História da comunidade de Arancuan do Meio-Varre Vento, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Arancuan do Meio, Oriximiná – PA. 06/05/2013.

As comunidades do Território Trombetas demonstram preocupação acentuada com a manutenção das práticas culturais dos antepassados e com a propagação da história da comunidade. Arancuan do Meio, por exemplo, além de organizar festas como “as de antigamente”, procura fixar suas histórias em meio escrito, visando à difusão para gerações mais novas.

CONCLUSÕES

O projeto INRC-Quilombos de Oriximiná revelou diversos aspectos da vida cultural das comunidades abrangidas, que representam de forma exemplar a trajetória de ocupação negra no Baixo Amazonas. Seu saldo é considerado extremamente positivo, tanto do ponto de vista dos resultados de pesquisa quanto da mobilização social.

O que neste projeto houve de bem sucedido foi garantido, na maior parte, pela colaboração prestada pelos quilombolas e pela ARQMO. Sem seu apoio, a tarefa de percorrer as áreas, identificar os interlocutores e angariar-lhes a confiança teria sido penosa, lenta e improdutiva. Seu apoio também foi fundamental na fase de avaliação e conclusão dos produtos finais do projeto, no que se refere à aprovação dos mesmos e à participação no Seminário Final do projeto.

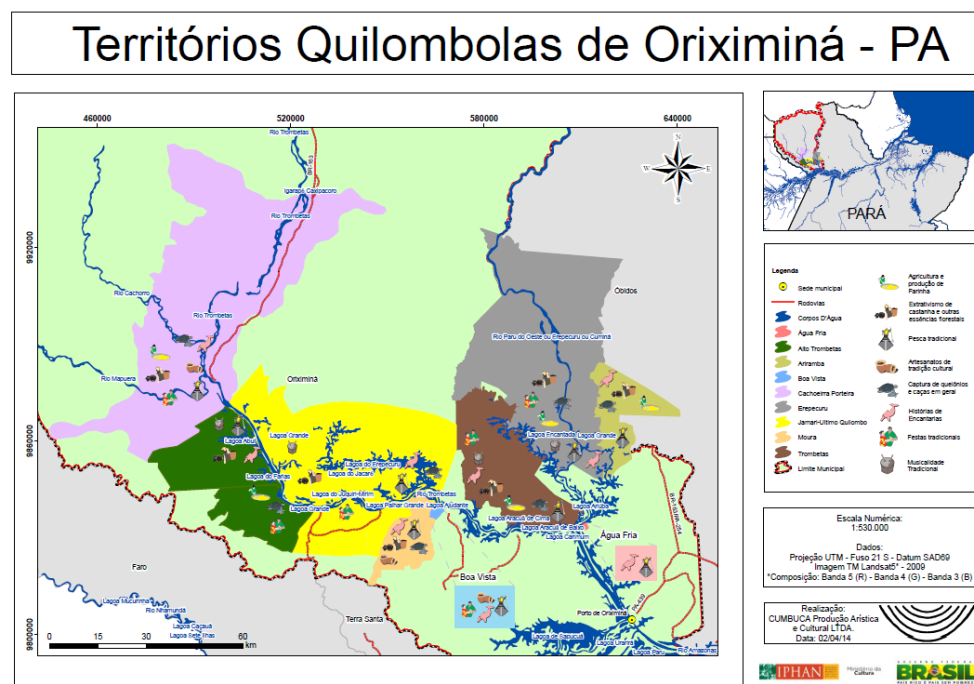
Resultou do trabalho de campo algo mais que 60 horas de registros sonoros (enviados em DVD anexo a este relatório), constituídos, na maior parte, de entrevistas formais, mas também de algumas conversas informais e músicas cantadas para a equipe. Todo o material registrado foi transcrito, visando tanto ao preenchimento das fichas e anexos do INRC quanto à produção de um livro de histórias de encantos e assombrações, as quais, de acordo com o relatado acima, ocupam um lugar significativo no universo cultural dos quilombos de Oriximiná.

Um conjunto de cerca de mil fotografias também foi produzido nesta etapa do projeto.² Nele destacam-se retratos de interlocutores, paisagens, objetos, apresentações, reuniões e outros aspectos do trabalho de campo. Os arquivos passaram por uma seleção preliminar e foram nomeados de acordo com as regras do INRC.

Em cada área percorrida foram tomados pontos de georreferenciamento, para produção de mapas culturais das comunidades. Devido às grandes extensões territoriais, não foram verificados os limites das áreas, pois estes estão, em geral, situados nas áreas de uso das comunidades, dentro das florestas, muito distantes das áreas de moradia onde o trabalho de campo se concentrou. Privilegiou-se a notação dos centros comunitários, onde se dispõem os espaços e os equipamentos culturais mais significativos da vida coletiva: igrejas, barracão comunitário, barracão de festas, escola, posto de saúde. Os

² Alguns registros audiovisuais foram produzidos, mas, em função do acidente com o Barco ARQMO e da perda de equipamentos em campo, não foi possível dar continuidade às tomadas iniciadas na área Alto Trombetas II.

mapas indicam a ocorrência das referências culturais levantadas no conjunto dos territórios.



Mapa 11: Distribuição das referências culturais dos territórios quilombolas de Oriximiná, INRC Quilombos de Oriximiná. João Thiago-Cumbuca, Oriximiná-PA, 2014.

Procedeu-se à sistematização das informações obtidas e dos registros produzidos em relatórios, nas fichas do INRC, em mapas e num livreto de divulgação dos resultados da pesquisa. A validação desses materiais foi feita em diferentes oportunidades, conforme os prazos de execução dos mesmos, e teve sua culminância no Seminário Final realizado em Oriximiná.

Esse evento foi previamente divulgado por meio de cartazes afixados em escolas, sedes de associações, órgãos públicos e outros locais indicados pela Arqmo. Além disso, os representantes quilombolas levaram cartazes para afixação em locais específicos em suas comunidades.

O seminário Patrimônio Cultural dos Quilombos de Oriximiná foi realizado em 22 de maio de 2015, no Salão Paroquial da Igreja de Santo Antônio, com a participação de representantes das comunidades quilombolas envolvidas, de seus parceiros, de representantes do Iphan-PA. Seus objetivos foram: socializar os resultados obtidos ao longo das ações; avaliar o projeto e seus produtos (mapas, fichas do inventário, livreto); discutir e definir propostas de encaminhamentos para promoção e salvaguarda do patrimônio das comunidades quilombolas.

Na ocasião estiveram presentes, além da equipe responsável pelo projeto INRC-Quilombos de Oriximiná e pela organização do evento, e da equipe do Iphan-PA (representado por sua Superintendente, Dorotéia Lima, e seu técnico em Antropologia, Cyro Lins), vários moradores e representantes dos territórios quilombolas de Alto Trombetas, Jamary-Último Quilombo-Moura, Trombetas, Erepecuru e Ariramba. Além de um resumo do inventário, o evento contou com o lançamento de um livreto que é resultado do projeto. Consultados sobre propostas de correções nas fichas do INRC, os presentes não fizeram solicitações nesse sentido. Assim, foi concluído este Relatório Final do INRC- Quilombos de Oriximiná, que é acompanhado dos cadernos de fichas produzidas.



Foto 28: Seminário Final do projeto, INRC Quilombos Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Oriximiná – PA. 22/05/2015.

A apresentação de uma série de demandas por parte das comunidades, contidas na Carta dos Quilombos de Oriximiná, leva a crer que o projeto tem potencial de desdobramentos importantes para a população quilombola não só desse município, mas de todo o Pará.